

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Instituto Multidisciplinar
Departamento de História e Economia

EX ORIENTE FIAT LUX.
A Queda do Titã Prometeu na Grécia Antiga.

Rio de Janeiro.

Resumo

A proposta da monografia tem por fim a pesquisa realizada sobre a análise do mito de Prometeu na Grécia Arcaica em Hesíodo e sua suposta Orientalidade. Serão analisadas fontes textuais do período arcaico como Teogonia e Trabalho e os Dias e fontes imagéticas como figuras de vasos vermelhos e figuras de vasos negras, que buscam entender este arcabouço histórico-imagético do período.

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Instituto Multidisciplinar
Departamento de História e Economia

EX ORIENTE FIAT LUX

A Queda do Titã Prometeu na Grécia Antiga.

Monografia apresentada ao curso de História como requisito parcial a obtenção do título de Licenciado em História, do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Professor Orientador: Dr^o Marcos José de Araújo Caldas.

Rio de Janeiro
Setembro de 2013

Leandro Gama e Silva de Omena

EX ORIENTE FIAT LUX
A Queda do Titã Prometeu na Grécia Antiga.

Monografia apresentada ao curso de História
como requisito parcial a obtenção do título de
Licenciado em História, do Instituto
Multidisciplinar da Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcos José de Araújo Caldas - UFRRJ

Prof. Dr. Luís Eduardo Lobianco - UFRRJ.

Prof. Dr^a Rívia Silveira Fonseca - UFRRJ

Agradecimentos

Agradeço ao inefável e onipotente Deus sob todas as coisas e a seu filho Jesus Cristo, senhor nosso.

Agradeço em memória, ao meu avô Carlos Rodrigues da Silva, pela sua simplicidade e erudição, que me formou como ser e como homem. Devo a ele seu senso de justiça e sua grandeza paternal e intelectual.

Agradeço em memória a minha avó, Diva Nogueira da Gama e Silva, pelo carinhoso alimento da alma e do corpo. Seu laço eterno de mãe e avó estará sempre comigo.

Agradeço em memória a minha bisavó, Dagmar Coutinho Nogueira da Gama, pela sua doçura e pelas horas de viver uma infância feliz dentro dos contos que me contara.

Agradeço a minha Mãe, Maria Cristina Gama da Silva por resignificar em uma só pessoa a mãe, a avó, o pai e o avô. Meus sinceros agradecimentos.

Agradeço a meu orientador, Marcos José de Araújo Caldas, pela amizade e orientação. Devo a ele minha formação intelectual e ética, sua ajuda foi fundamental para a elaboração deste trabalho bem como para minha formação como futuro docente.

“Por isso mesmo, aplicai toda a diligência em juntar à vossa fé a virtude, à virtude o conhecimento, ao conhecimento o autodomínio, ao autodomínio a perseverança, à perseverança o amor fraterno e ao amor fraterno a caridade”.

Segunda Epístola de São Pedro.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO.....	8
I - A QUESTÃO HISTÓRICA DO MITO.....	10
II - A GRÉCIA, O LAR DOS DEUSES.....	21
a) Prolegômenos.....	21
<i>b) A Tradição Oral.....</i>	<i>25</i>
<i>b) O mito de Prometeuentre os Helenos.....</i>	<i>27</i>
<i>c)O Seu Culto Ritual.....</i>	<i>36</i>
III - PROMETEU, UM MITO ESTRANGEIRO?.....	41
CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49
ANEXOS.....	52

INTRODUÇÃO.

Prometeu é um mito em que perdurano tempo. Mesmo o mito inserido no tempo, e histórico, ele sempre nos acusa sua presença com ressignificações, como um arquétipo obscuro e a - histórico. Nesta sombra em que Prometeu permeia, será abordada sua presença Histórica, correlacionadas a sociabilidade, ressignificações e recepções no antigo ocidente próximo, especificadamente na Grécia Arcaica e Grécia Clássica. Podemos observar a presença de Prometeu em várias literaturas da antiguidade e especificadamente nas literaturas de Hesíodo como: *Os trabalhos e os dias* e *Teogonia* na Grécia Arcaica e como a de Platão em *Protágoras* e Prometeu Acorrentado de Ésquilo, ambas as últimas na Grécia Clássica. Pretendo com isso, relacionar a influência que o poeta Hesíodo sofreu do antigo Oriente próximo, em relação a queda e punição do mito de Prometeu na Teogonia. Aliado a isso a transfiguração de Prometeu na Grécia Clássica com Ésquilo é recorrente em sua ressignificação e importância nos cultos relacionados a figura de Prometeu, principalmente na Atenas Clássica. Analisaremos também os mitos em sua interseção, e não isoladamente, como já citou Dumezil, os mitos devem ser estudados em sua inter-relação. Como por exemplo, estudarmos Prometeu com suas interseções a Zeus, bem como Hermes e Epimeteu irmão inverso de Prometeu.

No Capítulo I, temos a introdução ao pensamento teórico mítico. Nele, tento demonstrar as imbricações e particularidades referentes ao mito e a ciência histórica. Demonstro que o processo histórico é de forma a nos mostrar que a essência mítica em que alguns autores tratam, é um tanto frágil, e que, o mito se resignifica a cada girar do tempo histórico. Defino uma teoria da religião para tratar deste objeto e tento organizar de forma clara o papel do mito para os historiadores da religião. No segundo capítulo, tento contextualizar a pesquisa dentro do quadro histórico-social da Grécia arcaica e clássica que remeta ao objeto de pesquisa que é o Mito de Prometeu, suas nuances através do recorte de 700 a.C até 450 a.C. O terceiro capítulo é formado por três partes: A Tradição Oral; O mito de Prometeu entre os Helenos; e o seu culto ritual. Na parte que concede a tradição oral, esboço os termos a Rosalind Thomas, pesquisadora sobre oralidade entre os helenos. A mesma esmiúça em detalhes, as teorias sobre a presença desta oralidade nos quadros históricos para melhor interpretarmos as obras de Homero e Hesíodo. A pergunta que tentarei responder com este capítulo será: Como esta sociedade percebia esta oralidade e o papel social dos Aedos,

poetas helenos? A seguir, exponho as particularidades específicas entre o Prometeu na idade arcaica com Hesíodo e o prometeu na idade clássica com Ésquilo, em como este mito comportou-se e foi recebido pelos helenos em períodos distintos. Na última parte, analiso o mito-ritual que refere-se ao mito de Prometeu na Pólis Ateniense. Este culto é muito importante e presente na sociedade helênica. Podemos perceber suas imbricações e as diferentes classes sociais que interpretam este mito, como a aristocracia ateniense e os ceramistas e pintores/artesãos. No quarto capítulo refiro-me a orientabilidade do mito de Prometeu, pela hipótese deste mito ser ou não advindo de uma tradição oriental. Trato das raízes orientais de Hesíodo em que sua família é oriunda de uma parte mais oriental da Hélade, em Ascra, tendo possivelmente contato com tradições orais orientais.

Com este intuito, pretendo esmiuçar os detalhes desta relação *mito e sociedade* em que transpareceu nas fontes históricas que irei usar, para tentar ler os paradigmas míticos de uma sociedade que silencia pela escassa pesquisa relacionada ao mito e sociedade na contemporaneidade¹.

¹Cf. VERNANT. *Mito e Sociedade na Grécia Antiga*. – 3ª Ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2006.

I - A QUESTÃO HISTÓRICA DO MITO.

O estudo do Mito hoje, nos intriga pela sua riqueza e pelo seu uso corriqueiro. Ora no vocabulário leigo, ora muito explorado pela mídia, os mitos estão sempre presentes em nosso dia-a-dia. Com a Mitologia Grega não seria diferente. Única formada racionalmente e com o direito de dizer-se *Mitologia*, pois os mesmos seus participantes gregos como Apolodoro². Os próprios Gregos tiveram um olhar crítico de sua mitologia, que perpassava por sua religião. É sempre muito delicado tratar de religião e mito gregos, pois seria de forma muito difícil, tratar, tanto a Mitologia Grega, quanto a religião grega de forma separada, como seria muito complexo tentar separá-la da política. O que tentamos fazer é uma experiência de recorte sem a sombra do niilismo do impossível e amparados pelo bom senso. J.P Vernant foi ciente desta armadilha, quando o mesmo estava a redigir seu trabalho *As origens do Pensamento Grego*, quando percebeu que a Mitologia Grega era densa em sua complexidade e abrangência e que seria muito difícil ignorá-las para forçar um recorte mínimo que no seu caso, seria o surgimento da racionalidade nos Gregos³. Outro intelectual e estruturalista, Georges Dumézil, corrobora esta tese que:

“[...] as religiões são conjuntos pelos quais se distribui toda a experiência humana. O estudo de uma religião não pode, assim, incidir sobre factos isolados, mas deve ter em conta conjuntos e relações de elementos⁴”.

O Estudo da *História Antiga* nos obriga a encararmos novas metodologias e nos apresenta novos paradigmas para podermos desenvolver uma pesquisa eficaz no que tange ao saber histórico. Estas metodologias muitas vezes se entrecruzam pelo olhar do historiador da antiguidade, como a cultura material com a *arqueologia* e o esmiuçar dos textos antigos com a *epigrafia* e a *análise de discurso*. “Do ponto de vista do método, a prioridade cabe a *história, a arqueologia e principalmente a filologia*”⁵. Entre as metodologias citadas formam um arcabouço em que o pesquisador desta área consegue percorrer de maneira eficaz com

²Apolodoro, e sua obra *A Biblioteca*, compilada em 100 a.C. Apolodoro faz uma compilação de vários mitos (não de todos), tanto da idade arcaica grega quanto da idade clássica grega. É a nossa mais bem documentada fonte no que diz respeito a um mitógrafo da antiguidade. A Tradução mais usada e a mais famosa é a obra traduzida por Frazer, de 1921.

³VERNANT, J.P. *Entre Mito e Política*. São Paulo: Editora da Cidade de São Paulo, 2001.

⁴GRIMAL, Pierre. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005, pág. XVI.

⁵ VERNANT, J.P. *Religião, Objeto de Ciência?* In. *Entre Mito e Política*. São Paulo: Editora da Cidade de São Paulo, 2001. P 88.

perguntas que não cessam de ocorrer no fazer histórico da pesquisa. Não obstante a isso, ainda há as divisões impostas pela ciência histórica, a fim de absorver as particularidades que surgem ao desenvolver o processo, como por exemplo, a *história das religiões*, a *história das ideias* e a *história política*⁶.

Com esta riqueza de metodologias e campos históricos, temos que em igual parte ter o cuidado com as nossas fontes e leituras afins, para que não particularizarmos demais encurralando-nos no assunto, bem como para não pulverizarmos a um total sem sentido de relatividades. Porventura, temos ainda sub-especialidades que admitem o mito e a história. Temos muitos trabalhos propostos no século XIX com diversos pesquisadores que hoje é retomado com um novo fôlego. Com este intuito, observaremos a seguir o desenlace de pesquisadores no termo *mito e história* e suas principais escolas de análises.

A palavra <<Mnsoj>> do grego e do latim <<MITUS>>, que significa fala, narração e concepção que pelo tempo passou a ser identificada e estudada por muitos eruditos⁷. Platão e Aristóteles tiveram a primeira impressão do mito, segundo o dicionário Oxford no verbete Mito⁸, os mesmos tiveram uma noção de mito como algo falso, mas que em última análise poderia exercer uma verdade sobre a realidade última em alguns casos. Porém antes deles em Homero, o mito já não era necessariamente falso.⁹ Burkert analisa o mito de forma peculiar, porém nos dá a íntima impressão que há um niilismo em sua visão histórica do mito como vemos a seguir:

“Os mitos são – e isto é fundamental – narrativas tradicionais. Nessa medida, a mitologia é um domínio parcelar da investigação geral sobre a narrativa. [...] mito é narrativa popular, e contudo acessível a uma formulação individual, e até, em grego receptáculo de poesia clássica do mais alto nível; [...] é duvidoso se é possível extrair dele um núcleo histórico”

O que alguns estudiosos na área de mito e mitologia discordam desta alegação de Burkert, como Ken Dowden e Vernant, veremos a seguir que sua concepção mítica está inserida em uma sociedade material e histórica. Entendemos a crítica de Burkert pela aplicação do método aos mitos. Não poderíamos certamente, como diz Burkert, ver o mito como condição da realidade, e sim problematiza-lo, contextualiza-lo e implementar o historicismo e um debate historiográfico ao mito. Neste quesito Dowden concordaria com

⁶ BARROS, José D'Assunção. *Campo da História. Especialidades e Abordagens*. 5ª Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

⁷ BURKERT, Walter. *Mito e Mitologia*, Lisboa, Portugal, Edições 70, p. 17.

⁸ Dicionário Oxford

⁹ DOWDEN, Ken. *Os usos da mitologia grega*. Campinas, SP: Papirus, 1994, P. 14.

Burkert quando diz que: “A história é o que o mito não é. O que a história conta é verdadeiro, caso contrário não seria história, mas apenas história fracassada”.¹⁰ Mito pelo mito tornar-se-ia não muito profícuo, ele precisa ser ancorado na sociedade e visto como uma tradução dos augúrios de culturas passadas. Ken Dowden faz uma análise¹¹ bem interessante das diferenças entre Sagas, Lendas, Mitos, Contos e Fábulas, que valerá um resumo aqui.

A Saga atribuíam-se a alguns mitos que tiveram um embasamento histórico, poderíamos como exemplo, ter ao “mito” de Tróia e relaciona-los com as escavações de (nome do autor), que chegou a encontrar várias Troias em idades históricas diferentes, corroborando assim, arqueologicamente o texto de Homero.

As lendas seriam imagens ideais de contos que são aperfeiçoados durante a história humana. O conto popular seria o imaginário de determinada sociedade que é colocado em prática através de muitos anos pela questão sapiencial e pela tradição oral. Podemos ter como exemplo os contos de Monteiro Lobato e os contos dos Irmãos Grimm. Conto de fadas poderia entrar na variante de conto popular.

l) *As correntes paradigmáticas:*

Em relação às correntes, podemos começar a citar as abordagens clássicas. Mas antes disso nos cabe uma distinção dos principais paradigmas teóricos que Victor Jabouille, escreveu na Introdução a edição portuguesa do Dicionário de Mitologia Grega e Romana de Pierre Grimal.¹² Existem três correntes como: as *Teorias funcionalistas*, as *teorias simbolistas* e as *teorias estruturalistas*. Por elas começamos com o *Historicismo* que segundo Dowden, seria que o mito é visto como uma verdadeira história, mas que com o passar dos anos, foi distorcida. Podemos ter noção desta perspectiva por Schliemann¹³ – 1870-1890 - o famoso arqueólogo que descobriu Troia, usando como guia, a obra majestosa de Homero, a *Ilíada*. Schliemann usou a *Ilíada* como mapa, dando-o noção de onde estava a Troia mítica, eis que descobriu a Troia histórica. Em seguida temos a *Alegoria*, que seria algo hermético, e oculto através da teologia e filosofia compreenderíamos a alegoria. Seria um conhecimento *sub rosa*.

Outro estudioso de grande importância foi Frazer, um intelectual de Cambridge, que inaugurou o paradigma *mito-ritual*. Que o mesmo passaria a noção evolutiva dos mitos. Toda

¹⁰ DOWDEN, Ken. *Os usos da mitologia grega*. Campinas, SP: Papyrus, 1994, pág. 16.

¹² GRIMAL, Pierre. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005, p. VII.

¹³ Heinrich Schliemann, arqueólogo clássico alemão. (1870-1890).

sociedade segundo Frazer, passaria por algumas mudanças evolucionistas, indo da magia, mito à religião. Frazer Segundo Dowden possui uma obsessão pelo trabalho de Durkheim e suas pesquisas sobre os rituais sociais de iniciação.¹⁴ Em relação aos sistemas sobreviventes temos a *Nova Mitologia Comparada* com Georges Dumézil (1898-1987), um intelectual que pertence a corrente estruturalista. Segundo Dumézil, a sociedade dividia-se em três conjuntos, seria o *sistema trifuncional*, sacerdotes, militares e produtores. O mesmo descobriu estas estruturas em sociedades primitivas indo-europeias. Segundo Jabouille comenta, esta trifuncionalidade serviu como herança a muitos mitos Europeus.¹⁵ Ken Dowden também nos mostra esta questão quando analisa Hera a governante, Atena – guerreira e Afrodite – produtiva, em relação ao julgamento de Paris.¹⁶ Outra trifuncionalidade que poderíamos perceber seria Zeus – A ordem, Prometeu – A desordem e Hércules – O equilíbrio. Claude Levi Strauss foi outro mitólogo que se embrenhou os locais dos mitos com o estruturalismo, relacionando-os com a linguística. “O mito para ele era uma espécie de linguagem que levantava problemas culturais e os mitigava.”¹⁷ Dowden o critica, assim como Vernant, Kirk e Paul Ricouer, pois o estruturalismo de Levi Strauss não comporta a História como meio para analisar as transformações do mito. Seria a visão de Levi Strauss para esses autores uma visão a-histórica.

Existem duas escolas bem profícuas que revolucionaram os estudos dos mitos e deram novos ares para novos questionamentos. A escola de Paris e a escola de Roma. Em relação a escola de Roma, temos como expoente Angelo Brelich. Brelich segundo Dowden foi o primeiro a colocar a mitologia grega, como uma ponte com a religião grega. Seria uma *antropologia histórica*¹⁸. Tratando-se do tema religião, vale salientar que é importante não fazer esta cisão de mito e religião para os gregos como diz Funari:

“A separação entre razão e religião viria a tardar a expansão da atenção aos aspectos simbólicos e religiosos das manifestações de poder, mas estes estudos expandiram-se, de forma exponencial, nas últimas décadas, tanto na análise das sociedades modernas quanto nas antigas”¹⁹

¹⁴DOWDEN, Ken. *Os usos da mitologia grega*. Campinas, SP: Papirus, 1994, pág. 45.

¹⁵GRIMAL, Pierre. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005XVI

¹⁶DOWDEN, Ken. *Os usos da mitologia grega*. Campinas, SP: Papirus, 1994, pág. 46.

¹⁷Idem, pág. 52.

¹⁸ GRIMAL, Pierre. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005, p. XIX.

¹⁹ FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Considerações sobre a religiosidade Grega. In CANDIDO, Maria Regina (Orgs). Rio de Janeiro:NEA/UERJ, 2011. p 224.

A escola de Paris estaria a cargo de J.P Vernant e Marcel Detiéne, utilizaram da escola estrutural de Levi Strauss para resignificar a pesquisa do mesmo aplicada a história, as fundamentado filologicamente e aplicando-as aos conceitos sociais.

Em relação aos simbolistas, temos como expoente que seria: MirceaElíade é outro autor que trata o mito de uma maneira fenomenológica, teria um sentido último e não haveria mutação e sim uma estrutura hermética e inconsciente da noção mítica em toda uma civilização. Estudioso de C.G Jung usou a hipótese de Jung sobre o inconsciente coletivo para corroborar esta ideia fenomenológica dos mitos. Em outras palavras, havia para Elíade, potências, como o poder, a guerra, a morte, que seriam traduzidas culturalmente através dos mitos, sem mudanças históricas. Freud usou também o mito de Édipo mais como um fetiche do classicismo para suas afirmações da psicanálise, do que algum contexto mítico e histórico condizente com uma pesquisa. Vernant faz uma crítica a Freud bem pontual no livro *Mito e Tragédia entre os gregos*.

II) A Fundamentação Histórica e seus métodos.

Podemos observar escudos, painéis, afrescos de determinado povo antigo ou alguma cultura material afim, percebemos: O que está além das imagens que nos remete? Como disse Vernant:

“O homem está nas obras que ergue para que durem, para que sejam comunicadas, transmitidas de geração a geração. O conjunto dessas obras constitui aquilo que chamamos de feitos de civilização, que dependem de um estudo histórico²⁰”.

Imaginemos então um escudo em que ornamentasse a imagem de Prometeu sendo castigado. A imagem nos diz certamente a respeito deste mito, muito diretamente. Mas é ainda assim um mito histórico? Sim, o é, datado e preso no tempo, este mito teve a *morte* de suas transformações no tempo. Porém esta *morte* ocorre de tempos em tempos, pois não é somente o mito que é histórico e sim suas ressignificações e entendimentos do mesmo no campo intelectual. O mito em si transmuta-se no tempo, com esta ideia é que nos remete a historicidade do mesmo. Não somente o mito transforma-se pelas nossas perguntas e

²⁰VERNANT, J.P. A Grécia Ontem e Hoje. *In. Entre Mito e Política*. São Paulo: Editora da Cidade de São Paulo, 2001. P.54.

concepções no presente, o que nos leva também há mudanças substanciais no modo de pensar a Mitologia Grega. A dialética da História caminha, em relação às perguntas do presente²¹. Há um devir que deve ser questionado não apenas a ideia de quem pergunta, mas quais foram as perguntas no tempo, sobre a Mitologia Grega. Certamente não nos cabe neste trabalho esmiuçá-las em transparência total, porém, podemos pincelar algumas das principais correntes que nos legou alguns de nossos melhores estudiosos sobre o tema.

Como citei anteriormente, temos algumas teorias bem conhecidas como: O Historicismo, a Alegoria, a Teoria do mito-ritual de Cambridge²². Estas estão em si, extintas, as sobreviventes, que são mais largamente usadas são: A Nova mitologia comparada, a Psicanálise, o Estruturalismo, a Moderna relação mito-ritual, a Escola de Roma e a Escola de Paris.²³ Mesmo com essa gama interessante de teorias, o mito passa por notas niilistas em relação ao entendimento que nenhuma teoria isolada da conta de toda complexidade do mito. Por esta razão o apreço para uma teoria eclética, um ecletismo em que as fronteiras teóricas não ficam muito claras, é a tendência moderna de muitos teóricos e pesquisadores da área de mito grego.

“[...] É bastante óbvio que muitas dessas abordagens são mutuamente compatíveis. Um mito pode atribuir-se parte de sua construção à história, pode ser utilizado de um modo superficial para explicar um ritual, pode, quando investigado mais profundamente, contar-nos algo sobre aquele ritual, pode – considerando em conjunto com outros mitos – formar parte de um modo sistemático, e até inconsciente, de analisar e pensar o mundo recebido”²⁴.

A relação mito e sociedade ainda não foi muito elaborada, por fatores como, mito e ritual, e suas relações intrínsecas mito e sociedade e não apenas uma isolada da outra. Ainda não foram em larga escala, cruzados os pareceres semíticos correlacionados na tríade Gregos, Sumérios e Hebreus, seria então interessante verificarmos esta tríade de influencia no que diz respeito a mentalidade da queda do homem, da moral, e da ética mítica e social. Seria relevante analisarmos os ritos para fazermos a então ponte, mito e sociedade que está então carente de análise para podermos esmiuçar as influencias sociais das construções das

²¹BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2011.

²² Principais escolas que inauguraram a visão dos Mitos Gregos. Em sua maioria hoje extinta, porém não ignoradas. Podemos discorrer que elas foram as fundadoras de tentativas de entender a lógica dos mitos em sua estrutura histórica, tiveram seus erros hoje ultrapassados por novas teorias, porém ainda serve aos estudiosos do tema, como pilares da construção epistemológica desta área.

²³ Escolas hoje em voga no tratamento dos Mitos Gregos. Temos em suas gêneses expoentes como: Vernant, Vidal Naquet, Ken Dowden, Walter Burkert, Claude Mossé, entre outros.

²⁴DOWDEN, Ken. *Os usos da mitologia grega*. Campinas, SP: Papirus, 1994.P. 57.

mentalidades religiosas em voga. Segundo Vernant nos convoca a questionar no trecho a seguir:

“A história da religião grega estudou as representações e os rituais mais do que procurou estabelecer uma sociologia do homem religioso, uma sociologia do crente e dos diversos tipos de crente [...] e permanece por ser feita na íntegra por religiões do passado²⁵”.

O especialista em Mitologia grega Ken Dowden nos propõe exatamente esta historicidade do mito, e o movimento histórico e mutável do mito. Em sua obra: *Os Usos da Mitologia Grega*, o autor finaliza o primeiro capítulo demonstrando o drama humano e bem material desta religião grega²⁶.

“A Mitologia Grega é fundamentalmente sobre homens e mulheres, é uma mitologia “histórica”. Em sua maior parte, não é a participação de deuses e animais falantes ou mágicos que torna mítico o mito grego; é antes a participação de homens e mulheres que viveram em *illo tempore* (“tempos remotos”), os tempos anteriores ao início do registro histórico e para além da tradição oral confiável na para-história ou proto-história.”²⁷.

Logo em seguida o Ken Dowden endossa, que, devemos possuir um olhar crítico em relação às correlações dos discursos míticos, ou seja, há relações, por exemplo, entre Zeus e Prometeu, que somente é explicado, se conhecermos a *metis* de Zeus através análises deste mito. O mito grego entrecruza-se, não se limitando a um monólogo mítico. Zeus castiga Prometeu, há seu irmão Epimeteu, o mesmo aceita Pandora e uma sucessão de cruzamentos de mitos ocorrem em toda história grega, não nos limitando apenas a uma leitura uniforme do mito de Prometeu.

“A Mitologia Grega é um fundo comum de temas e ideias ordenadas em um repertório comum de estórias. Essas estórias vinculam-se, comparam-se e contratam-se com, e são compreendidas à luz de, outras estórias do sistema. A Mitologia Grega é um “intertexto”, porque se constitui de todas as representações de mitos já experimentados por seu auditório e porque cada nova representação ganha seu sentido a partir de como está posicionada em relação a esta totalidade de apresentações prévias²⁸”.

²⁵VERNANT, J. P. *Mito e Sociedade na Grécia Antiga*. – 3ª Ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2006.

²⁶ Quando tratamos de Religião Grega torna-se um terreno movediço, como bem tratou Vernante e seu livro *Mito e política*. O mesmo disserta que a complexidade deste tema o fez retornar várias vezes os seus trabalhos acadêmicos para revisá-los e argumentá-los de uma forma mais plausível e não anacrônico com este termo elevado a crença dos Gregos antigos.

²⁷DOWDEN, Ken. *Os usos da mitologia grega*. Campinas, SP: Papyrus, 1994. P.34.

²⁸ Idem, pág. 19/21.

Em relação a Mitologia Grega, os mitos são muito particulares, no que diz em suas características locais, porém, alguns continuam com algumas similaridades em suas diversas versões. Temos como exemplo o objeto proposto deste trabalho, no que diz respeito a Prometeu. Podemos ver com o mito de Prometeu, possuiu estruturalmente algumas características preservadas como: A punição por Zeus, seu castigo, sua vontade de ajudar a humanidade, o significado do seu nome – aquele que antevê – isto nos diz muito do que é preservado na transmissão da memória, quanto os valores das sociedades, mesmo estas em transição, no caso a grega, da idade arcaica para a idade clássica. Podemos ver o que Dowden deixa explícito a seguir.

“Nove Décimos dos mitos gregos são de um tipo bem diferente (do cosmogônico-filosófico). Ocorrem em regiões específicas da Grécia e se referem aos homens primitivos que nelas viviam aos descendentes e às aventuras de heróis e congêneres locais²⁹”.

Dowden nos expõe que tanto Kirk, quanto Frazer e ele mesmo constataram que o estudo dos mitos é muito complexo e nenhuma teoria encarcere o mito, bastando-se em si mesma. Seria ao mesmo tempo um niilismo e uma esperança lato sensu no que diz respeito ao estudo dos mitos. Os estudiosos percebem a dificuldade de lidar com o estudos destas concepções. Nenhuma teoria isolada pode explicar todos os mitos gregos.³⁰ Dowden aponta que vivemos em tempos sincretistas. Porém, penso que, temos que ter cuidado com esta suposta liberdade teórica, pois mesmo com tanta oferta epistemológica, não podemos forçar uma realidade a nossa teoria, ou adapta-la a nossa já resposta. Em suma, não podemos perguntar, já sabendo a resposta, e somente a confirmando por escolhas aleatórias de teorias.

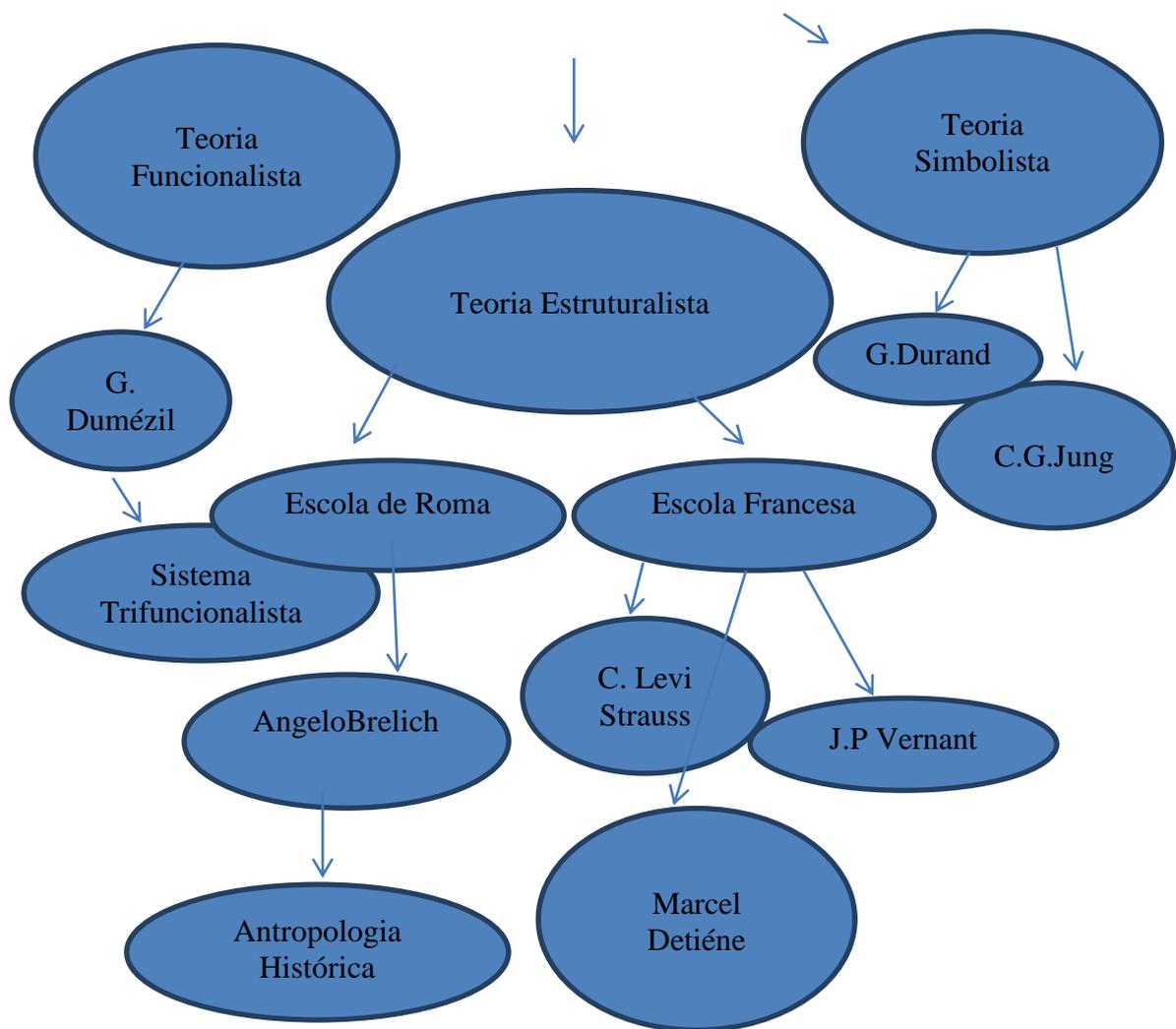
O importante será percebermos a relação desta herança no mito de Prometeu, e termos consciência de nossas dificuldades com a “pureza” do mito. O mito é histórico, e como toda história, movimenta-se pela demanda social de mudanças e pelo próprio desejo de seu povo. Tentaremos esmiuçar e ler estas demandas nos capítulos a seguir.

²⁹ Idem, *Ibidem* p.31

³⁰DOWDEN, Ken. *Os usos da mitologia grega*. Campinas, SP: Papirus, 1994, Pág 38.

**Os Três Paradigmas
das Teorias Mitológicas**





II. A GRÉCIA: O LAR DOS DEUSES

a) Prolegômenos

Seria interessante introduzirmos os estudos a uma descrição básica e cronológica dos fatos ocorridos na Hélade no fator cronológico proposto. Concentrar-me-ei na Grécia arcaica pelo advento de Hesíodo.

Após a colonização grega do mediterrâneo e o expoente da *Ilíada* de Homero e *Teogonia* de Hesíodo, houve uma mudança radical no comportamento grego. Ocorreu a emergência das polis, o surgimento da moeda bem como os jogos olímpicos e as tiranias e democracias e houve o advento da entrada ao mundo clássico. Brevemente neste capítulo, tentarei expor cronologicamente estes acontecimentos.

A civilização minoica representa em seu quadro geral segundo alguns autores de cunho positivista, a gênese da civilização grega. Esta concepção tende a ser interpretado de modo diferente por outros teóricos cujo termo *civilização* não é mais usado. O nome *minoico* deu origem pelo mito do rei Minos. Rei este que disputou o trono do principal palácio: Cnossos, com seus dois irmãos: Sarpeidos e Radamantis. Minos fez um pacto com o deus Poseidon, com este pacto tornou-se o Rei de Cnossos.

Temos fontes que podem corroborar atuais estudos desta sociedade, através de fontes descobertas das línguas Linear A – ainda não traduzida e Linear B, já traduzida. Esta descoberta foi feita por Arthur Evans, no século XIX.

A cultura minoica pode ser muito bem analisada pela concepção de suas construções os palácios, marco arquitetônico desta sociedade que possui seus traços característicos esculpido, talhados e trabalhados artesanalmente em peças de rara preciosidade cultural. Finley nos diz que a cultura minoica não possui uma centralização, sendo assim, a cultura regional é bem diversificada³¹. No quesito dos palácios, Cnossos é o pilar central da cultura dos outros palácios minoicos, ou seja, mesmo com a falta de centralização cultural, é deste palácio que os outros palácios se espelhavam em sua arquitetura e arte, não há dúvidas que o palácio de Cnossos controlasse a Ilha. Na arqueologia, fez-se comparar o palácio Cnossos com os outros, conferindo similaridades entre eles. Toda a sociedade minoica ficou conhecida por organizar-se de forma palaciana.

Os principais palácios – anaktora - ficavam geograficamente situados relativamente longe um dos outros, distribuídos de maneira uniforme por toda ilha cretense, eram conhecidos como: Zakros, Festos, Kommos, Tyliossos, Cnossos, Malia, Phaistos e Gournia, estes eram os principais, porém, outros em menor tamanho existiam também, possuindo importância nas regiões. A ilha de Creta hoje, possui intensa atividade arqueológica, e cada

palácio acima citado possui um sítio. Gournia por exemplo é um dos sítios arqueológicos que foi mais estudado e escavado dentre eles. Este sítio foi descoberto no começo do século XX por HarriedBoyd.

Em toda Ilha de Creta, os abalos sísmicos eram normais. O palácio de Gournia deixou vestígios arqueológicos destes acontecimentos. Entre idades minoicas, o palácio deixou seu funcionamento pleno, após um grande sismo, para tornar-se um alojamento de trabalhadores.

Podemos perceber que a alteridade de novos povos na incursão das regiões da Ilha, não alteravam nem corroboravam para maiores resistências destes palácios, no que diz respeito a cultura, e sim, havia uma absorção da cultura do outro. Podemos supor que esta animosidade deva-se ao fato da ilha ser um posto comercial no mediterrâneo para outros povos Outro autor que trata sobre esta particularidade é Finley, que via a Ilha de Creta como uma ilha pacifista, pela falta de muros ao redor. Para o autor, isto ainda é um enigma.

Percebemos que a cultura é um termo um tanto pulverizado, que nas particularidades e no próprio silêncio nós temos vestígios de uma sociedade. Com os minoicos não poderia ser diferente. Enigmáticos e curiosos, hoje temos uma dificuldade enigmática de entendê-los, não apenas pelo seu esplendor, mas pela sua fácil diplomacia em tempos ditos por alguns como: “primitivos”.

A sociedade Micênica foi conhecida a partir de seu legado nos deixado que foi a língua já traduzida, o linear B além de vasto material arqueológico. Percebemos a hegemonia Micênica cultural em relação aos cretenses minoicos pela difusão de seu alfabeto, o linear B, em relação ao linear A minoico. Os Micênicos começaram a dominar o comércio mediterrâneo minando assim a hegemônica minoica, conseqüentemente os enfraquecendo.

Foi uma civilização que viveu a era do Bronze, entre 1600 e 1200 a.C. A sociedade micênica é marcada hoje pela presença de um épico espetacular que é a Ilíada de Homero. Em que Homero narra passagens de supostamente um anax micênico, Agamenon. Pesquisadores sobre este período dizem que a Ilíada retrataria a sociedade micênica como um todo, tendo elementos fundamentais para corroborar esta epopeia épica. Entretanto os pesquisadores ainda não sabem ao certo quem seria Homero, ou se existiu mais de um, pois recentes pesquisas apontam que a Ilíada poderia ter sido elaborada em partes por vários séculos e por vários Aedos.

Os Aedos eram portadores de uma tradição oral que perpassou o tempo. Temos outro expoente deste feito que seria Hesíodo, com a Teogonia e O Trabalho e os Dias. Aedos eram uma espécie de bardos - com o perdão da licença anacrônica – Estes aedos tinham a função de

narrar um épico, ora histórico³², ora inventivo. Após este período de proeminência da cultura helenista, temos o advento dos Aedos, especificamente Homero e Hesíodo, dois rapsodos que eternizaram a cultura oral helenística do século VII-VIII em poemas épicos. Homero com a *Ilíada* e Hesíodo com *Teogonia* e *Trabalho e os dias* dentre os principais. Com estas duas fontes riquíssimas, é possível até hoje corroborarmos teses acerca da sociedade desta época.

A tradição oral certamente para nós hoje soa como algo distante, porém para a cultura dos gregos, principalmente arcaicos, a tradição oral viria em primeiro plano e somente posteriormente a escrita desembolsaria um papel importante, mas não tanto quanto a tradição oral. Nós, descendemos das luzes europeias de séculos passados vamos intencionalmente apontar como o letrado que possui maior cultura. Iluminismo este que tinha a intenção da alfabetização mundial, levando em conta o letramento como uma questão chave na concepção de um espírito elevado e virtuoso. Foi-nos dado como herança, esta visão um tanto anacrônica, de lidarmos com o letramento, como questão fundamental para o desenvolvimento de uma civilização.

O positivismo francês legou ao historiador a herança que: sem documento e sem escrita, não haveria civilização e seria uma barbárie. Então, como faria o historiador da antiguidade para lidar com a questão da oralidade, se as fontes não estão grafadas? Rosalind Thomas trata destas questões em seu livro: *Letramento e Oralidade na Grécia Antiga*.

Segundo a autora Rosalind Thomas, poderíamos perceber a tradição oral pela constituição da obra escrita. No que se refere a Homero por exemplo, a obra *Ilíada* possui chaves de compreensão que nos remete a tradição oral, como exemplo os Epítetos: Atena de glaucos olhos, Zeus de grandes raios, Apolo fleche certeiro. Seriam formulas que o AEDO ao cantar iria rememorar sua canção, facilitando assim sua memorização.

É importante lembrar que o épico, talvez não tenha sido elaborado na idade concomitante micênica, e sim, a posteriori como citei, através da tradição oral, fundamental na sociedade e circulando entre os mesmos. Ainda hoje a *Ilíada* não é datada conclusivamente.

A *Ilíada*, contestada por muitos e vislumbradas hoje como real, ou “quase real”, a *Ilíada* nos remete a pensarmos a conceitos como: O que é história? O que é poder? O que é o mito? E o poder da memória. Lembro, logo, existiu.

Em seguida a esta efervescência cultural, temos o que muitos pesquisadores demandam como “darkages”, seria uma era sombria em que as fontes que nos restauram não

³² O conceito histórico aqui que me propus a escrever não é em relação ao conceito histórico como conhecemos a partir do século XIX, mas um conceito de memória e poder na antiguidade.

nos dizem muita coisa a não ser o silêncio. Porém o silêncio também é uma fonte. Não podemos determinar uma era de Dark Age, somente porque não houve uma vasta produção intelectual e material de determinada sociedade. Seria então um período de instabilidade e migrações³³. Mesmo nestes tempos obscuros emergiram as primeiras nuances da polis segundo Claude Mossé.³⁴

Algumas regiões tiveram sua unificação, mas nenhuma em tão larga escala como a Ática, em que ficava a cidade-estado expoente do mundo clássico: Atenas. Esta unificação possui um relato mítico em que Teseu estava presente. Entretanto não foi logicamente a obra de apenas um homem, mas sim de sucessivas organizações, este processo durou até o V século.³⁵ Concentrar-me-ei na região da Ática para melhor explicar as instituições que foram tão pontuais nesta região da Hélade.

Aristocracia e Tirania foram duas formas de governos bem presentes na cidade de Atenas. O governo a priori estava nas mãos da aristocracia ateniense, esta aristocracia podemos supor que possuía a metis, enquanto outros grupos como os ceramistas possuíam a techné. Neste período de aristocracia à tirania foi marcado por quatro personagens: Cílon, Drácon, Sólon e Pisístrato. Cílon tentou primeiramente dar um golpe na aristocracia ateniense, que não saiu como Cílon pretendia, porém as tentativas continuaram com Drácon. O governo de Drácon ficou conhecido como possuir as leis “draconianas” em que o mesmo implementou em Atenas. Logo após veio Sólon aliviou as pressões tirânicas segundo Peter Jones:

“Aliviou as pressões das dívidas que levavam à escravidão. Sua solução foi as vezes chamada de *seisáktheia*, “o livrar-se das cargas”. No nível político, Sólon rompeu com a exclusividade dos eupátridas. Definiu quatro classes com base na riqueza agrícola [...] Constituiu um conselho popular (*boulé*) de quatrocentos representantes”³⁶

Em seguida Pisístrato (561-560 a.C) começou a ter apoio da população e tomou o poder em Atenas, tornando-se tirano. Em Pisístrato, tivemos uma grande mudança na polis ateniense no que diz respeito à arte a produção de cerâmica de figuras negras, bem como a reformulação do festival das panatenéias. Pisístrato delegou poder ao seu filho Hípias.

³³ JONES, Peter, V. *O mundo de Atenas. Uma Introdução à Cultura Clássica Ateniense*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, pág. 2.

³⁴ MOSSE, Claude. *A Grécia arcaica de Homero à Ésquilo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, S/Pág. 97.

³⁵ JONES, Peter, V. *O mundo de Atenas. Uma Introdução à Cultura Clássica Ateniense*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Pág. 3

³⁶ Idem, Ibidem. Pág. 7

Posteriormente a estas causas ocorreu a subida de Clístenes ao poder, o mesmo fez profundas modificações na Ática como um todo, levando a democracia ao seu patamar mais alto. Delegou voz a famílias antes não participantes da política ateniense bem como dividiu o poder na hélade.

A Grécia em sua essência nos remete quase que imediatamente a imagem de um lar mítico e numinoso. Pensamos muitas vezes, leigos ou não, de uma forma romântica que os gregos e os deuses estavam intimamente ligados e caminhando em suas principais polis como: Atenas dentre outras, como se o Olimpo, lar dos deuses, fosse a própria Grécia, e de certa forma era. Tudo está repleto de Deuses.³⁷

Discutiremos a seguir, como esta mentalidade que transpassou as eras históricas, solidificaram na mente dos gregos. Como a tradição oral deixou o legado na época que transmitir era mais importante que escrever. Perceberemos como o mito de Prometeu se comportou em lares arcaicos e clássicos gregos e como esta sociedade o leu. Certamente este arcabouço histórico introdutório não se encerra aqui, apenas iniciei uma pequena introdução para colocarmos a pesquisa em uma linha histórica datada.

a) A Tradição Oral e o letramento.

A tradição oral certamente para nós hoje soa como algo distante, porém para a cultura dos gregos, principalmente arcaicos, a tradição oral viria em primeiro plano e somente posteriormente a escrita tornaria um papel importante, mas não tanto quanto a tradição oral. Nós, descendemos das luzes europeias de séculos passados e vamos intencionalmente apontar como o letrado que possui maior cultura. Iluminismo este que tinha a intenção utópica da alfabetização mundial, levando em conta o letramento como uma questão chave na concepção de um espírito elevado e virtuoso. Foi-nos dado como herança, esta visão um tanto anacrônica, de lidarmos com o letramento, como questão fundamental para o desenvolvimento de uma civilização.

O positivismo francês legou ao historiador a herança que: sem documento e sem escrita, não haveria civilização e seria uma barbárie. Então, como faria o historiador da antiguidade para lidar com a questão da oralidade, se as fontes não estão grafadas? Rosalind Thomas trata destas questões em seu livro: *Letramento e Oralidade na Grécia Antiga*.

³⁷SNELL, Bruno. *A descoberta do espírito*. Lisboa: Edições 70. s/d.

Segundo a autora Rosalind Thomas, poderíamos perceber a tradição oral pela constituição da obra escrita. No que se refere a Homero por exemplo, a obra *Íliada* possui chaves de compreensão que nos remete a tradição oral, como exemplo os Epítetos: *Atena de glaucos olhos, Zeus de grandes raios, Apolo fleche certo*. Seriam formulas que o AEDO ao cantar iria rememorar sua canção, facilitando assim sua memorização³⁸.

A arte da leitura também possui uma história. A oralidade grega. A incursão do alfabeto de fácil assimilação foi um avanço a sociedade grega como um todo. Esta sociedade passou a frente no quesito a democracia das letras em relação às sociedades do antigo oriente próximo em que a escrita era restrita e hierarquizada. Por este motivo temos um Hesíodo, camponês da Beócia, portador de tão belo canto. Também não havia leitura silenciosa como conhecemos hoje, a leitura entre os helenos era proclamada, normalmente na ágora ou em reuniões de anciãos. Podemos ver segundo Forrest:

“Hesiod, like Homer, lived in the time of transition from oral to written composition. Indeed it seems likely that each was the first, or among the first, to commit to manuscript his own version of a long “Oral tradition”.”³⁹

Rosalind Thomas endossa esta via de interpretação dos aedos gregos.

“A maior parte da literatura grega, porém, tinha por finalidade ser ouvida ou cantada – transmitida oralmente, portanto havia uma forte corrente de aversão pela palavra escrita, mesmo entre os altamente letrados: documentos escritos não eram considerados, por si mesmos, prova adequada em contextos legais até a segunda metade do século IV.”⁴⁰

Percebemos que a oralidade possui um papel marcante na Grécia arcaica, inclusive a clássica. Temos que nos desprender do estigma do letramento iluminista e percebemos que a tradição oral possui um segmento próprio de devir histórico. Este segmento possui a característica de nos mostrar como a memória era usada e vangloriada na Grécia antiga como um todo. Não podemos esquecer que as musas aclamadas por Hesíodo no monte Helicon, nasceram da deusa Memória e com elas de maneira poética, que temos a recordação dos cantos sapienciais hesiódicos.

³⁸ A memorização esta muito presente na cultura grega antiga. Vide a Paideia no mundo clássico em que o efebo deveria memorizar toda a *Íliada*. Seria uma espécie de rito de passagem administrado a Paidéia grega. Cf. JAEGER, Werner. *PAIDÉIA. A formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

³⁹ FORRENT, W. G. G. *Central Greece and Thessaly*. In. Cambridge Ancient History. Vol. III. Part III. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p 288.

⁴⁰ THOMAS, Rosalind. *Letramento e Oralidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Odysseus 2005, p, 4.



Fig. 1.1 Mapa da Grécia Arcaica.

b) O Mito De Prometeu entre os Helenos.

A Grécia de Hesíodo possui uma entrada a um novo conceito que inaugura sua idade como arcaica com o advento das duas obras como a de Homero, *Ilíada* e de Hesíodo com a *Teogonia*. Cito estas duas apenas como exemplos, pois houve outras obras dos mesmos autores de real importância e no mesmo período. O advento da Grécia arcaica segundo algumas cronologias, costuma-se datar do século VII a.C. Ela surgiria logo após o paradigma da *Dark Ages*, termo hoje muito contestado por Claude Mossé em seu livro *A Grécia Arcaica de Homero à Ésquilo*⁴¹, como já foi estudado em outras obras de Moses Finley, em *O mundo de Odisseu*.⁴² Percebemos que pela escassez de fontes de cultura material e literárias é, e pode ser um indício de uma fonte, ou seja, o silêncio.

⁴¹ MOSSE, Claude. *A Grécia arcaica de Homero à Ésquilo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, S/D.

⁴² FINLEY, Moses. *O Mundo de Ulisses*. Lisboa: Edições 70, 1984.

Hesíodo, podemos ousar em dizer, está no *interregno* cronológico, entre a suposta Dark Age e a Grécia Arcaica advento da polis, da moeda, do oikos e da Hélade. Uma das grandes indagações sobre o período chamar-se Dark Age consta-se no fato histórico de *Ilíada* de Homero e no paradigma da tradição oral oriunda deste período. Em Hesíodo temos um tesouro, como bem salientou o autor Forrest:

More importantly, it was about the same time that Boeotia produced in the poet Hesiod our only contemporary literary evidence for the social and political atmosphere of Late Geometric Greece.⁴³

Hesíodo era um *AEDOS*, e por aedos entendemos:

“[...] poetas épicos podem ser considerados como transmissores de vários ciclos do mito frequentemente associados a heróis, campanhas militares e outras aventuras. Não dispomos de qualquer informação confiável sobre como tais ciclos individuais vieram a ser reunidos, mas se encontram claramente acabados, ordenados, e em circulação geral ao fim da Idade Média Grega.⁴⁴”

Quando Hesíodo pretende compor a *Teogonia*, ele *mata o mito*. Hesíodo recolhe tradições orais de sua região e ancestralidade, e o trancafia naquele tempo, naquele local. Espacialmente e temporalmente preso e traduzido culturalmente por um camponês da Beócia do Século VIII a.C com ancestralidade paterna na Trácia. Então o que nos quis dizer este camponês?

Hesíodo estava certamente envolvido em um arcabouço de tradição. Mas Hesíodo fez algo que nos inquiri a curiosidade, ele escreveu, escreveu a tradição de sua terra, traduzindo em letras a tradição oral de seu povo. Como muitos podem pensar, não era elitizado ler ou não ler na Grécia Arcaica ou Clássica, segundo Rosalind, o letramento apenas começou a ter um status de superioridade muitos séculos depois, somente no iluminismo, em que o obscurantismo era sinal de ignorância profunda, e em uma sociedade das letras, para se possuir um status quo superior, e se enquadrar nesta sociedade, era obrigatório o letramento, mas na Grécia antiga isso não ocorria. Vale ressaltar que segundo JaaTorrano, o Aedo é em igual ou mais importante que o Basileus, pelo seu culto a memória e pela posse da escrita. Então a importância não fica a carga somente da leitura, e sim, da produção de memória deste tempo.

⁴³FORRENT, W. G. G. *Central Greece and Thessaly*. In. Cambridge Ancient History. Vol III. Part III. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. P. 286.

⁴⁴ DOWDEN, Ken. *Os usos da mitologia grega*. Campinas, SP: Papyrus, 1994. P. 21.

Hesíodo usou suas obras: Teogonia e O Trabalho e os Dias, como uma literatura sapiencial, ou seja, uma literatura para poder regimentar o *modus operandi* da sociedade vivida pelo seu pai e irmão. Uma comunidade pastoril. Hesíodo já se auto intitula no começo de sua obra: “Elas um dia a Hesíodo ensinaram belo canto quando pastoreava ovelhas ao pé do Hélicon divino”⁴⁵. O poeta é bem biográfico e com uma individualidade que é totalmente diferente dos outros aedos com uma poesia impessoal e diferente como temos em Homero.⁴⁶ Vernant nos alude esta diferença, temos que medir a distância. Como disse Vernant,

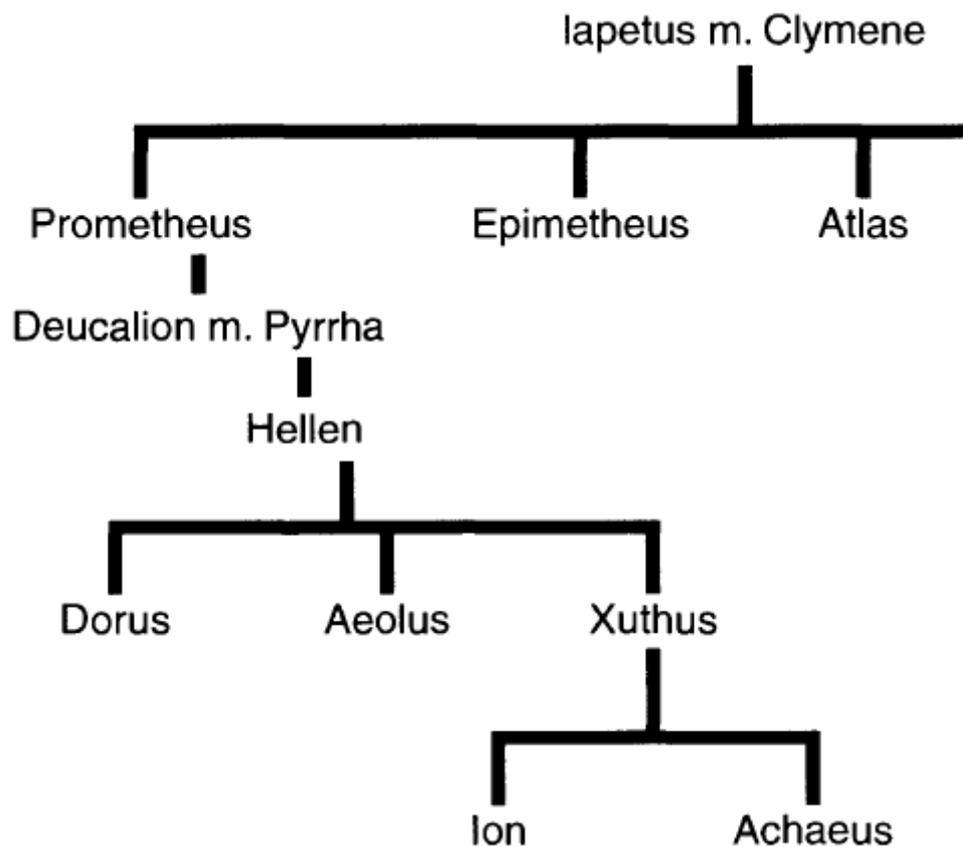
“Tratava-se de medir a distancia que separa o herói homérico e ou o camponês de Hesíodo daquele homem racional definido como “animal político”, do qual fala Aristóteles . Medir a distancia , mas também avaliar o caminho que levou um ao outro”.⁴⁷

O Prometeu em Hesíodo possui um trecho somente designado a ele na Teogonia. Temos a iniciação ao sacrifício dada por este deus. Prometeu foi responsável pelo primeiro sacrifício e pela separação entre deuses e homens. O titã se apoderou de um boi e separou a carcaça de ossos com gordura e coberto com a pelo do boi para os deuses, e a carcaça da carne para os homens, e assim Prometeu enganou Zeus. Por isso que no ritual de um sacrifício são queimados em gordura para os deuses. Podemos ver a seguir a genealogia de Prometeu.

⁴⁵HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Estudo e tradução JaaTorrano. – 7ª Ed. Edição Bilingue – São Paulo: Iluminuras, 2007.

⁴⁶PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História Da Cultura Clássica. I Volume – Cultura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: 2006.P.156.

⁴⁷VERNANT, J.P. A Grécia Ontem e Hoje. *In.Entre Mito e Política*. São Paulo: Editora da Cidade de São Paulo, 2001.P.55.



48

Este genealogia, contudo, esboça mais a cargo de organização ao logos mitológico, pois muitos mitos vieram após o surgimento de algum mito. Por exemplo o mito de Zeus é mais antigo ao mito do seu próprio pai, Chronos.

O mito de prometeu em Esquilo, nos mostra um prometeu que está sofrendo no Cáucaso, amargurado com os homens e com os deuses. Não nos mostra como na Teogonia e o Trabalho e os Dias de Hesíodo sobre a origem e a punição, mas nos mostra um diálogo, em que um Prometeu débil, se vangloria de outrora ter ajudado uma raça de homens que não o reconhece mais como benfeitor. O Prometeu de Ésquilo também nos mostra repetidamente a questão oracular de que um filho de Zeus, que seria Heracles, iria mudar as perspectivas de Zeus, o tirano.

Análise do Discurso: semiótica do discurso de A J. Greimas *Semiótica e Ciências Sociais*. São Paulo: Cultrix, 1981

⁴⁸ MONFORD, LENARDON. *Classical Mythology*. 7Th Ed: Oxford 2003. P 78.

1. Processo de descrição Gênero do discurso

Autor/obra	Hesíodo, um AEDO/ Teogonia.
Período/região	Século VII-VII / Beócia
Público/privado	Público/ Poesia Oral.
Manifestação Dalíngua	Grego, século VIII-VII a.C

1.2. Análise do texto

Propriedades da Linguagem do texto	Uso da Escrita em Grego Homérico
Qualificação do texto	Narrativa épica. Literatura Sapiencial.
Comunicação do texto	Grego Jônico
Processo de interação	-----
Conceitos operacionais do texto	-----

3. Análise do discurso

Tema	Pertinência	Objetividade⁴⁹
Os Epítetos de Zeus	O porta Égide, O lança raios, o tonitruante.	Basileus, Tirania, Mando, Centralização Organização
Os Epítetos de Prometeu	De curvo Pensar, Prometeu de grande astúcia.	-Transformação -Perigo, -Instabilidade. -Zombeteiro -Descentralização
Prometeu Ajuda aos Homens 1	“Quando se discerniam Deuses e homens mortais em Mecon, com ânimo atento dividindo ofertou grande boi, a trapacear o espírito de Zeus: aqui pôs carnes e gordas vísceras com a banha sobre a pele e cobriu-as com o ventre do boi, ali os alvos ossos do boi com dolosa arte dispôs e cobriu-os com a brilhante banha.”	- O primeiro sacrifício - A explicação do incenso o uso da gordura nos altares - A artimanha de Prometeu para ajudar aos homens.
A Punição aos Homens e a Cólera de Zeus	irado Zeus de imperecíveis desígnios, depois sempre deste ardil lembrado negou nos freixos a força do fogo infatigável aos homens mortais que sobre a terra habitam.	- Zeus retira o fogo dos Homens, como punição.
Prometeu ajuda aos homens 2	Porém enganou o bravo filho de Jápeto: furtou o brilho longevivo do infatigável fogo	-PROMETEU VOLTA A ENGANAR ZEUS E

⁴⁹ - Objetividade neste esquema visa explicar quais apreensões do texto serão utilizadas no desenvolvimento da escrita.

	em oca férula; mordeu fundo o ânimo	AJUDAR AOS HOMENS -
A Punição de Prometeu	E prendeu com infrágeis peias Prometeu astuciador, cadeias dolorosas passadas ao meio duma coluna, e sobre ele incitou uma águia de longas asas, ela comia o fígado imortal, ele crescia à noite todo igual o comera de dia a ave de longas asas.	- A punição - O poder de Zeus
Pandora, a primeira mulher.	sem-acerto Epimeteu que foi um mal dêo o começo aos homens come-pão, pois primeiro aceitou de Zeus moldada a mulher virgem. ***** “E criou já ao invés do fogo um mal aos homens: plasmou-o da terra o ínclito Pés-tortos como virgem pudente, por desígnios do Cronida; cingiu e adornou-a a Deusa Atena de olhos glaucos com vestes alvas, compôs um véu laborioso descendo-lhe da cabeça, prodígio aos olhos, ao redor coroas de flores novas da relva sedutoras lhe pôs na fronte Palas Atena e ao redor da cabeça pôs uma coroa de ouro, quem a fabricou: o ínclito Pés-tortos lavrando-a nas mãos, agradando a Zeus pai, e muitos labores nela gravou, prodígio aos olhos, das feras que a terra e o mar nutrem muitas ele pôs muitas ali (esplendia muita a graça) prodigiosas iguais às que vivas têm voz. Após ter criado belo o mal em vez de um bem levou-a lá onde eram outros Deuses e homens adornada pela dos olhos glaucos e do pai forte. O espanto reteve Deuses imortais e homens mortais”	- Gênero - Castigo - Oikos - Mulher - Deveres - Separação De Gêneros
A libertação de Prometeu por Hércules	Hércules matou-a, da maligna doença defendeu o filho de Jápeto e libertou-o dos tormentos, não discordando Zeus Olímpio o sublime soberano para que de Hércules Tebano fosse a glória maior que antes sobre a terra multinutriz. Reverente ele honrou ao insigne filho,	- Heroísmo - Um dos 12 trabalhos de Hércules - elevação do filho de zeus - Demonstração de poder.

O Triunfo de Zeus	Não se pode furtar nem superar o espírito de Zeus pois nem o filho de Jápeto o benéfico Prometeu escapou-lhe à pesada cólera, mas sob coerção apesar de multissábio a grande cadeia o retém	- A Métis - A Volta Da Centralização - O Aviso Aos Que Forem Contra A Metis Do Soberano
--------------------------	--	---

Em relação ao trabalho e os dias, temos:

2. Processo de descrição Gênero do discurso.

Autor/obra	Hesíodo, um AEDO/ O Trabalho e Os Días.
Período/região	Século VII-VII / Beócia
Publico/privado	Público/ Poesia Oral.
Manifestação Dalíngua	Grego, século VIII-VII a.C

1.2. Análise do texto

Propriedades da Linguagem do texto	Uso da Escrita em Grego Homérico
Qualificação do texto	Narrativa épica. Literatura Sapiencial.
Comunicação do texto	Grego Jônico
Processo de interação	-----
Conceitos operacionais do texto	-----

3. Análise do discurso

Tema	Pertinência	Objetividade⁵⁰
Os Epiteto de Zeus	O porta Égide, O lança raios, o tonitruante.	Basiléus, Tirania, Mando, Centralização Organização
Os Epiteto de Prometeu	De curvo Pensar, Prometeu de grande astúcia.	-Transformação -Perigo, -Instabilidade. -Zombeteiro -Descentralização
Prometeu Ajuda aos Homens 1	Por sua vez, o bom filho de Jápeto (50) roubou-o do sábio Zeus para dá-lo aos humanos numa férula oca, passando despercebido a Zeus a quem alegre o trovão.	- A artimanha de Prometeu para ajudar aos homens.

⁵⁰ - Objetividade neste esquema visa explicar quais apreensões do texto serão utilizadas no desenvolvimento da escrita.

A Punição aos Homens e a Cólera de Zeus	os trabalhos dos bois e das mulas incansáveis desapareceriam. Mas Zeus escondeu-o, encolerizado em seu coração, porque o enganara Prometeu de curvo pensar. ⁸ Por isso maquinou amargos cuidados para os humanos, e escondeu o fogo	- Zeus retira o fogo dos Homens, como punição.
A dádiva de Zeus e sua punição	Encolerizado, disse-lhe Zeus que ajunta nuvens: “Filho de Jápeto, mais que todos fértil em planos, alegras-te de ter roubado o fogo e enganado minha inteligência, (55) o que será uma grande desgraça para ti próprio e para os homens futuros. Para compensar o fogo lhes darei um mal, com o qual todos se encantarão em seu espírito, abraçando amorosamente seu próprio mal.”	- Zeus não retira mais algo, ela dá algo. - Planeja forjar Pandora.
Pandora, a primeira mulher.	Para compensar o fogo lhes darei um mal, com o qual todos se encantarão em seu espírito, abraçando amorosamente seu próprio mal.” Assim falou, e riu alto o pai de homens e deuses. Então ordenou ao ilustre Hefesto que o mais rápido possível (60) misturasse terra com água e ali infundisse fala e força humanas, e que moldasse, de face semelhante à das deusas imortais, uma forma bela e amável de donzela; depois ordenou a Atena que lhe ensinasse trabalhos, a tecer uma urdidura cheia de arte; a Afrodite dourada, que lhe espargisse a cabeça com graça, (65) penoso desejo e inquietação que devora os membros. Que nela colocasse uma mente desavergonhada e um caráter fingido, ordenou a Hermes mensageiro, o matador do	- Gênero - Castigo - Oikos - A Mulher - Deveres - Separação De Gêneros

	<p>monstro Argos. Assim falou, e eles obedeceram a Zeus soberano, filho de Crono. Logo o célebre deus coxo moldou-a da terra, (70) à semelhança de uma virgem respeitável, seguindo a vontade do filho de Crono; deu-lhe um cinto e enfeitou-a a deusa Atena de olhos brilhantes; as deusas Graças e augusta Persuasão envolveram seu corpo com joias douradas; as Horas de belas cabeleiras coroaram-na com flores primaveris; (75) Palas Atena ajeitou no seu corpo todo o ornamento. Então, o mensageiro matador de Argos fez em seu peito mentiras, palavras sedutoras e um caráter fingido, por vontade de Zeus que grave troveja;</p> <p>assim o arauto dos deuses nela colocou linguagem,⁹ (80) e chamou essa mulher</p>	
<p>Os males aos homens</p>	<p>Antes, de fato, as tribos dos humanos viviam sobre a terra (90) sem contato com males, com o difícil trabalho ou com penosas doenças que aos homens dão mortes. { Rapidamente em meio à maldade envelhecem os mortais. }¹¹ Mas a mulher, removendo com as mãos a grande tampa de um jarro, espalhou-os, e preparou amargos cuidados para os humanos. (95) Sozinha ali ficava a Antecipação, na indestrutível morada, dentro, abaixo da boca do jarro, e para fora não voou. Pois antes baixou¹² a tampa do jarro por vontade de Zeus que ajunta nuvens, o detentor da égide. Mas outras incontáveis tristezas vagam entre os homens. (100) Na verdade, a terra está cheia de males, cheio o mar; doenças para os humanos, algumas de dia,</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O trabalho - Castigo - A terra - O campo - A fertilidade - As máculas

	outras à noite, por conta própria vêm e vão sem cessar, males aos mortais levando em silêncio,	
O Triunfo de Zeus	em silêncio, já que privou-as de voz Zeus sábio. Assim, de modo algum pode-se escapar à inteligência de Zeus. (105)	- A Métis - A Volta Da Centralização - O Aviso Aos Que Forem Contra A Metis Do Soberano

c) *O Seu Culto Ritual*

Todo mito possui uma materialidade, não seria diferente em relação ao mito de Prometeu. Perceberemos a seguir esta tradução social do mito que ainda é bem turva, mas que com o devido labor, vamos desvendando o caminho desta observação. A polis e os jogos olímpicos foram grandes responsáveis pelo desenvolvimento da religiosidade grega.

Era comum na Grécia clássica a ritualística cívica, ou seja, a questão do tempo e espaço sagrado. Havia uma sacralização da linguagem como um todo, seria uma *vida litúrgica cívica*. Com isso temos uma religião grega multi facetada que nos diz através de seus códigos sociais. Mas para que e para quem seriam estes ritos? Podemos começar a averiguar com uma constatação de Funari:

“[...] as religiosidades do mundo grego, não apenas com sua diversidade, mas com suas contradições e conflitos representam desafios para a historiografia normativa, aquela que considera que a sociedade está regida por normas sociais respeitadas pela maioria e rejeitada apenas por desviantes”.⁵¹

As Panateneias eram um culto/festival cívico na polis clássica ateniense que demonstrava todo o poder aristocrático da mesma. Vários cidadãos helenos e até mesmo estrangeiros visitavam Atenas na época deste festival. Era um dos festivais mais antigos celebrados e datam de V e IV a.C. A cada quatro anos as Panateneias celebram a hegemonia política e o brilho ateniense de seus deuses e de sua cidade. Era ao mesmo tempo um festival e um ritual. Segundo alguns autores, estaria ligado ao culto da fertilidade a Atená Poleis.

O culto de Prometeu é uma incógnita. Falta-nos características ainda detalhadas pois não é um culto em si, mas sim um festival em sua homenagem. Este festival tinha caráter de

⁵¹ FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Considerações sobre a religiosidade Grega. In CANDIDO, Maria Regina (Orgs). Rio de Janeiro:NEA/UERJ, 2011, p, 225.

comemoração e função de exaltação dentro de outro festival maior, da deusa Atená, as então citadas anteriormente, Panateneias. As ânforas encontradas no sítio de Kerameikos⁵², nos mostram constantemente sua figura sendo punida pela ave de Zeus no Cáucaso. Kerameikos era um local na antiga Grécia onde ficavam os oleiros, estava localizado na polis ateniense. Neste local provavelmente eram encomendadas as cerâmicas para o festival das Panateneias. Cerqueira nos diz que as cerâmicas eram possivelmente encomendadas para estes festivais, só que os ceramistas censuravam a seu gosto, as figuras. Ou seja, para o autor, torna-se uma circularidade cultural interessante, quando tanto a elite que encomenda estes vasos com um tema, quanto a forma estética que é representado no mesmo. Vale ressaltar que nem sempre a aristocracia que encomendava o vaso dava o tema para o ceramista. Muitas vezes o tema era livre, deixando a total critério do ceramista a sua arte e escolha.

Pausanias nos descreve este festival o: *Lampadrodomia* Festival em Honra a Prometeu na antiga Grécia. Era um festival dentro do outro festival. A Panateneia era um grande festival em honra a deusa Atená, neste festival havia a lampadrodomia, que se caracterizava em cerca de 20 homens fazerem o revezamento da tocha que era entregue ao altar de Prometeu que ficava próximo a pólis ateniense. O fogo não poderia se extinguir até a entrega da tocha ao altar prometeico.

“A iconografia, registrada nas pinturas que decoram os vasos gregos, é produzida por artesãos. População de origem humilde e simples, distanciada da sofisticação dos debates filosóficos, do refinamento das récitas poéticas e das observações científicas. Esse caráter social leva pressupor que a tradição gráfica revele um imaginário popular. Assim, remeter-se da tradição literária à iconográfica significa colocar em relação o imaginário popular e o das elites, a cultura dos excluídos e dos incluídos. Devemos lembrar que, enquanto a alfabetização no período clássico devia atingir, de forma satisfatória, aproximadamente 15 a 20% da população, o entendimento das informações visuais era irrestritamente acessível a amplas camadas, contando tivessem acesso a divisar os objetos decorados e dispusessem de códigos culturais para interpreta-los”.⁵³

Como bem salienta Cerqueira, mesmo um artesão não tendo contato com a literatura elitizada, o mesmo possui um contato direto com a tradição oral. O tema era determinado pelo encomendador de vasos. Quando a obra não era encomendada o pintor escolhia o tema livremente. As preocupações deste artesão, longe da vida pública, vive ao mundo individual,

⁵³CERQUEIRA, Fábio Vergara. A Iconografia dos Vasos Gregos Antigos como Fonte Histórica. **História em Revista**. Vol6. UFPEL, s/d. Disponível em: http://www.ufpel.tche.br/ich/ndh/downloads/Volume_06_Fabio_Vergara_Cerqueira.pdf

da vida privada. Vive em sua plenitude o oikos e a não a pluralidade da polis como a aristocracia.⁵⁴.

O Titã Prometeu caiu, caiu em desgraça, mas não caiu em deidade. Podemos então perceber o caráter moral da *queda*. Vale ressaltar que o comparativismo não só enriquece como nos ressalta um parâmetro dialético⁵⁵. Começo esboçando esta premissa pois percebemos no recorte espacial da História Antiga, principalmente nos mitos cosmogônicos, *castigos* e *quedas* relacionados a mitologia cosmogônica. E sentimos um ressoar de punição. Mas punição a quem? Quem pune? Porque Pune? Estas são um tanto questões interessantes que certamente nunca serão tão bem respondidas com o perdão do niilismo.

Prometeu é a ameaça a esta ordem já citara Bruno Snell⁵⁶, como já sabemos Prometeu enganou Zeus na questão do sacrifício, fazendo com que Zeus retirasse dos homens o fogo. Prometeu logo em seguida furta em uma fécula a centelha do fogo de Zeus e dá aos homens. Zeus agora não ira mais castiga-los, mas sim, irá retribuí-los, com Pandora, a forjada pelos deuses. Isso nos lembra o dom e contra dom abordado por Marcel Mauss. Zeus não vai mais retirar, ele vai doar, quebrando assim o ciclo de furto e punição adotado por Prometeu e Zeus. O caos é restabelecido por uma dádiva caótica de Pandora. Pandora é ao mesmo tempo uma benesse e uma punição. O mais belo ser forjado por Hefesto, adornado por Afrodite e ensinado por Atená. Teogonia e Trabalho e os dias como Literatura sapiencial.

“O mito, como a propaganda, é valioso porque as pessoas acreditarão nele. Os inimigos devem estar preparados para a ele se opor dentro das regras do jogo que ele estabelece. A argumentação mítica recebe o mesmo respeito que a argumentação histórica teria em nossos dias – ou seja, é persuasiva dentro dos limites permitidos pelas razões mais pragmáticas do interesse próprio e da prática política”⁵⁷.

Percebemos que não é apenas um Prometeu, mas sim, alguns para não dizer vários. A Grécia antiga possui um paradoxo de uma unidade na pluralidade, em que, possui um forte regionalismo, porém é medida por um centro cultural econômico. Finley já apontou esta característica bem recuada entre minoicos e micênicos.⁵⁸

⁵⁴CERQUEIRA, Fábio Vergara. A Iconografia dos Vasos Gregos Antigos como Fonte Histórica. **História em Revista**. Vol6. UFPEL, s/d. Disponível em:

http://www.ufpel.tche.br/ich/ndh/downloads/Volume_06_Fabio_Vergara_Cerqueira.pdf

⁵⁵DETIENNE, Marcell. *Comparar o incomparável*. SP: Ideias & Letras, 2004.

⁵⁶SNELL, Bruno. *A descoberta do espírito*. Lisboa: Edições 70. s/d.

⁵⁷DOWDEN, Ken. *Os usos da mitologia grega*. Campinas, SP: Papirus, 1994. P. 123.

⁵⁸FINLEY, M.I. *Grécia Primitiva: Idade do Bronze e Idade Arcaica*. São Paulo: Martins Fontes: 1990.

III - PROMETEU, UM MITO ESTRANGEIRO?

Após capítulos anteriores percebermos certa similaridade com a ideia da *queda* bem com a ideia da *dádiva sapiencial* em outros mitos que são historicamente datados anteriores ao mito de Prometeu na Grécia Arcaica.

Martin West discute exaustivamente em suas obras a orientalidade de alguns mitos ditos estrangeiros. Possuímos aliados metodológicos além da filologia, a arqueologia que nos endossam sobre esta orientalidade em alguns mitos gregos.

Estudar origem sempre é uma tarefa hercúlea, no que dizer então de perceber a origem de um mito na História. Toda narrativa possui um fio original, em que se transformou através do tempo histórico, pelas tradições orais e ressignificações, e não seria diferente com Prometeu. Esta suposta origem deste mito nasceu no berço das letras, a Mesopotâmia.

Esta terra possui características históricas marcantes como o surgimento da escrita, da primeira lei e dos primeiros passos de uma economia de mercado. Nesta riqueza então, foi colocado em pauta sua mitologia, atrelado certamente a sua religião. A resposta é cíclica, assim como sua religião, é uma resposta social. Vamos então sumariamente discorrer algumas das características principais desta terra, antes mesmo de delimitarmos uma religião.

A Mesopotâmia, não é uma cidade-estado, um país, uma tribo, é sim, o que podemos chamar de lar primordial, ou região. Fica localizada no crescente fértil. “Em 600 a.C., a cerâmica coríntia mostrava um entusiasmo por aspectos decorativos importados do Oriente Próximo e, por isso, é descrita como Orientalizante”⁵⁹.

A qual lugar Prometeu pertence? Esta discussão bem fundamentada por Charles Penglase⁶⁰ e Walter Burkert⁶¹, nos faz dialogar com o mito prometeico e com mitos acerca de Hesíodo, se sofreu ou não uma influência de epopeias orientais, surgidas na Mesopotâmia. Os paralelos apresentados pelos autores são muito vastos e tentadores para afirmarmos a influência, mas antes disso analisaremos os pressupostos míticos de Prometeu e sua criação.

Segundo Lafer⁶², na antiguidade o mito prometeico foi abordado em quatro obras de excelência, Protágoras de Platão; Prometeu Acorrentado de Ésquilo⁶³ e Teogonia e O

⁵⁹Cf. DOWDEN, Ken. *Os usos da mitologia grega*. Campinas, SP: Papyrus, 1994, p. 25.

⁶⁰ PENGLASE, Charles. Pandora, Prometheus and the Myths of Enki. *In* Greek Myths and Mesopotamia – Parallels and influence in the Homeric Hymns and Hesiod. Routledge: London and New York.

⁶¹ BURKERT, Walter. - Oriental and Greek Mythology: The Meeting of Parallels. *In* “ BREMMER, Jan – Interpretations of Greek Mythology”. Routledge: London, 1990

⁶²LAFER, Mary de Camargo Neves. Os mitos - Comentários *in* “HESÍODO – O trabalho e os dias”. São Paulo: Iuminuras, 2006, p 58.

Trabalho e os dias de Hesíodo. Trataremos a seguir de três obras de escolha desse panteão. Teogonia, O trabalho e os Dias e Prometeu acorrentado de Ésquilo. Inicialmente, vamos analisar as duas obras de Hesíodo.

Hesíodo como disse em capítulos anteriores primeiramente escreveu duas obras de suma importância para a mentalidade mítica grega arcaica, a Teogonia⁶⁴, e o Trabalho e os dias⁶⁵. Nestas duas obras, possuem duas versões do mito de Prometeu, seriam visões diferentes, enquanto na Teogonia há uma gênese dos Deuses, no Trabalho e os dias, está mais para um poema sapiencial, um manual de medida (Dike) e desmedida (Hybris). Na Teogonia, Hesíodo nos escreve sobre a origem e formação dos Deuses, enquanto na parte designada a Prometeu, no que leva a um destaque, pois a obra Teogonia é pequena, e o mito prometeico ocupa vários versos dela. E particularmente nos Trabalhos e os dias para um poema pequeno, há uma grande menção de Prometeu, logo no início, como um dos pontos principais do poema, nos fazendo refletir, que com tamanho destaque, certamente Prometeu seria importante para a cultura mítica grega.

Vemos que Prometeu na Teogonia, atua na separação de homens e deuses, na separação do primeiro sacrifício. Na análise de Lafer, nos aponta que o primeiro sacrifício, que Prometeu engana Zeus, dando apenas a gordura aos deuses e os ossos com a carne aos homens, foi o primeiro grande truque do Titã. Assim que Zeus soube deste engano, retirou o fogo da humanidade e o condenou ao Cáucaso.

No que diz respeito aos Trabalhos e os dias, o mito como conhecemos possui um par feminino seria Pandora, par feminino este que foi o castigo de Zeus, em que ele cessa a disputa, não mais reduzindo, mas sim acrescentando. Zeus então acrescenta o mal, as mazelas da humanidade em que Pandora a carrega. O mito de Prometeu surge novamente como um grande enganador, o que se lança contra Zeus e rouba seu fogo divino. Ao roubar este fogo, ele presenteia a humanidade, com um fogo mais voltado aos artífices, a tecnologia, seria um fogo, uma *lux phosphorica*. A iluminação das ideias inventivas.

Porem Penglase traz um estudo peculiar em relação a influencia do oriente no mito de Prometeu. Segundo Penglase, Hesíodo teria sofrido influencias de mitos de criação da mesopotâmia. Podemos ver a seguinte lista que segundo o autor, seriam paralelos entre a epopeia mesopotâmica em que influenciou Hesíodo com a criação de suas obras:

⁶³ ESQUILO. Prometeu acorrentado in “Prometeu Acorrentado/Ésquilo, Ajax/Sófocles. Alceste/Eurípides. 5 ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2004.

⁶⁴ HESÍODO. Teogonia: a origem dos deuses. Estudo e tradução JaaTorrano. – 7 Ed. – São Paulo: Iluminuras, 2007.

⁶⁵ HESÍODO – O trabalho e os dias. São Paulo: Iluminuras, 2006.

1. Uma rebelião contra o deus supremo;
 2. criação resultante da humanidade;
 3. imposição resultante do trabalho duro e sacrifício;
 4. repetição dos mesmos papéis: o supremo deus comanda a criação, mas não desempenham um papel na criação real; os papéis de Deus artesão, deus inteligente, e benfeitor da humanidade são repetidas;
 5. os mesmos métodos de criação utilizados por Enki e Hefáistos: artesão métodos, a modelagem de figuras de barro, ea deusa no mesmo papel;
 - 6 a divindade rebelde punida como resultado de suas atividades contra o deus supremo;
 - 7 ideias da alma (junto) com a punição da divindade rebelde;
 - 8, o deus esperto enganando o deus supremo em benefício da humanidade;
 - 9 °, o deus supremo atuando como o inimigo do homem e procurando destruí-lo;
 - 10, o deus supremo fortemente criticado: a história mostra um antagonista atitude para com ele, ele é duro, suas ações são irresponsáveis e injustificadas;
 - 11, o motivo da inundação;
 - 12 ideias da história da humanidade, e a origem das raças.⁶⁶
- (livre tradução)

O autor ainda enfatiza sua análise.

“Estes elementos são comuns à epopeia Atrahasis e o mito grego. Haveria, provavelmente, mais paralelos a observar se a fonte da Mesopotâmia não estivesse fragmentada. Uma característica que demonstra a correspondência direta entre o mito em Hesíodo, e o (mito) do épico de Atrahasis é a omissão em ambos as fontes da vertente agrícola da criação da humanidade. Esse aspecto é mostrado em outras fontes gregas e vários mitos mesopotâmicos de Enki, Enlil e An.⁴⁷ No entanto, a correspondência do mito grego de Prometeu e Pandora com a tradição mesopotâmica como é visto nesta fonte principal pode agora ser estudada em detalhe”⁶⁷

(livre tradução)

Já em outra análise, se nos aprofundarmos na peça de Esquilo, O prometeu Acorrentado na primeira passagem da Esquilo ocorre na Cítia, que pertencia a margem mais oriental da Europa, em que o Titã foi acorrentado e castigado por Zeus. Percebemos que em

⁶⁶PENGLASE, Charles. Pandora, Prometheus and the Myths of Enki. *In* Greek Myths and Mesopotamia – Parallels and influence in the Homeric Hymns and Hesiod. Routledge: London and New York. Pg 186

⁶⁷ Idem, p 187.

referencia aos versos, a noção na peça de Ésquilo, de uma evolução, de um progresso, ou seria mais a condição de *philantropo*? A seguir podemos ver melhor a fala de Prometeu que na peça, diz:

“Em seus primórdios tinham olhos mas não viam,
tinham os seus ouvidos mas não escutavam,
e como imagens dessas que vemos os sonhos
viviam ao acaso em plena confusão.
Eles desconheciam as casas bem feitas
com tijolos endurecidos pelo sol,
e não tinham noção do uso da madeira;
como formigas ágeis levavam a vida
no fundo de cavernas onde a luz do sol
jamais chegava, e não faziam distinção
entre o inverno e a florida primavera
e o verão fértil; não usavam a razão
em circunstancia alguma até há pouco tempo,
quando lhes ensinei a básica ciência
Da elevação e do crepúsculo dos astros.
Depois chegou a ciência dos números
de todas a mais importante, que criei
para seu benefício, e continuando,
a da reunião das letras, a memória
de todos os conhecimentos nesta vida,
labor do qual decorrem diversas artes.”⁶⁸

Podemos averiguar agora, mais a frente, como que um mito sofre as alterações no decorrer o tempo. O mito de Prometeu na modernidade nos dá certas pistas sobre as mudanças e movimentos de um mito. Como aqui já demonstrei sobre as influencias orientais que Hesíodo poderia ter sofrido na sua produção de mentalidade mítica, de como Ésquilo absorveu a presença mítica de prometeu, perceberemos mais a frente de como o mito em sua reinvenção pode mudar paradigmas, porem, um estudo mais a fundo poderemos ver que mesmo com a mudança paradigmática, a estrutura mítica ainda corrobora para um entendimento mais profundo e significativo tanto da sua origem quanto de suas transformações mínima de sua mentalidade.

Muitas teorias sobre mitos foram formuladas em uma vasta literatura que seria impossível citar pelo menos as mais importantes. Porem por caráter de escolha, cito uma que resume em que acredito seja um bom resultado do que seja o mito grego. Segundo

⁶⁸ ESQUILO. Prometeu acorrentado in “Prometeu Acorrentado/Ésquilo, Ajax/Sófocles. Alceste/Eurípides. 5 ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2004.

Downden⁶⁹“Mitologia Grega é fundamentalmente sobre homens e mulheres, é uma mitologia histórica”.⁷⁰ E ainda com Burkert:

“Os mitos são – e isso é fundamental – narrativas tradicionais. Nessa medida, a mitologia é um domínio parcelar da investigação geral sobre a narrativa. Só é difícil delimitar os mitos no seu <<verdadeiro>> sentido da multiplicidade de tipos narrativos existentes”⁷¹

O mito é Histórico. Como não dizer histórico de imagens que se movimentam? Imagens que habitam mentalidades de idades históricas, e essas mesmas ideias mutáveis vestem o mito original em uma queda ou ascensão. Há movimentos, lineares ou cíclicos, mas há sim, um movimento. Ressignificações atuam nas mentalidades míticas que percebemos longamente e tentamos buscar o meridiano destas transformações. E nesta busca, encontrei Prometeu, que foi absolvido de uma culpa ideal, uma culpa que foi aceita pela culpado, afinal, ele já havia tido a queda, na escolha de ajudar os homens. Prometeu acorrentado, será absolvido a força em um tribunal moderno, sairá disfarçado de sua prisão e viverá em desespero em sua produção de um progresso que será forçado a ser escravo. Prometeu desacorrentado se tornará agora o progresso escravo. O libertamos para escravizá-lo. E nesta concepção, tentarei clarear o rumo deste drama trágico.

Segundo R. Nisbet⁷² em seu livro “A história do Progresso” o próprio progresso possui uma história. Nele, Nisbet esmiúça em detalhes as vestimentas deste progresso em relação ao tempo, e suas transformações. Primeiramente vale ressaltar que Prometeu já era uma ideia de progresso desenvolvida pelos gregos. Antes mesmo de Prometeu, já possuímos relatos da ideia de ‘progresso’ nos escritos de Homero; como podemos citar a relação dos Ciclopes que segundo Finley, em seu livro o Mundo de Odisseu, diz que eram desprovidos de cultura e até mesmo do ato de arar uma terra Em relação aos que não possuem esta tecnologia, que seriam os Ciclopes, fica claro que os que possuíam, teriam a noção de algum progresso. Segundo Nisbet a própria Teogomia de Hesíodo, constava que ao passar das eras e grandes períodos de tempo existia uma progressiva melhora do mundo para dar lar a humanidade assim como sua outra obra, o trabalho e os dias, possuía distinção entre as raças em um progresso complexo que se inclinava a *hybris* outrora sim, outras vezes não. Porem Nisbet se precipita se tratando deste termo, Para Hesíodo é justamente o oposto, não ocorre uma evolução, e sim, o mesmo

⁶⁹DOWDEN, Ken. Os usos da mitologia grega. Campinas, SP: Papirus, 1994

⁷⁰Iden, ibiden.Pág 34

⁷¹BURKERT, Walter .Mito e Mitologia, Lisboa, Portugal, Edições 70, pág. 17.

⁷²NISBET, Robert. A história do progresso. Brasília, editora Universidade de Brasília, 1985.

lamenta por ter vivido na época dos homens, os homens da quinta raça, gostaria sim, de ter vivido em épocas anteriores, então não seria muito certo relatar progresso, mas sim, uma noção de temporalidade na Teogonia de Hesíodo.

Mas o principal ator desta idade seria mesmo Prometeu; nas palavras de Nisbet isso se torna claro:

“O mito prometeu por Hesíodo tornar-se-ia um dos sustentáculos da ideia grega de progresso; no grande século V a.C., encontramos-lo empregado de forma séria nos escritos de Ésquilo, Protágoras, Platão e tantos outros”.⁷³

Mas é com Ésquilo que ele ganha a popularidade grega, foi a grande aposta no progresso. Prometeu era um dos preferidos Deuses entre os gregos, ele era o contrario a tradição, o que a questionava, aquele que se revoltava contra o status quo, era o favorecido pela produção, da imaginação e da criatividade. Prometeu seria aquele que iria contra a tradição em que figurava Zeus e os deuses olímpicos. Ele era a inspiração para as mudanças de paradigmas. Prometeu que segundo uma das versões do mito, teria roubado sementes do fogo divino a humanidade, teria dado o primeiro passo rumo ao progresso dos homens. Segundo Nisbet,

“Não só Prometeu fez com que o homem entrasse em posse de sua inteligência, mas presenteou os seres humanos com ou os estimulou por eles mesmos, a matemática, o alfabeto, a linguagem escrita, a utilização dos animais de carga na agricultura e no comércio, e navios para cruzar os mares”⁷⁴

. Porem na peça de Esquilo, Prometeu é conhecido como *Philantropo*, o bem-feitor dos homens. Nisbet força novamente a noção de progresso aqui. Digo também a relação Prometeu com a punição. Nos mitos gregos prometeu também é conhecido como um artífice, um dos criadores do homem pela barroagem de dar aos homens como o conhecimento. Cito isto pois é recorrente a punição do suposto progresso em relação a Prometeu, a punição é administrada por Zeus, Zeus mesmo que levava o fogo aos homens, e agora Prometeu que havia o desobedecido e tomado posse de sua função. O Titã então foi aprisionado por Zeus durante uma eternidade, tendo uma ave comendo seu fígado.

⁷³ Idem, pág. 30

⁷⁴ Idem, ibidem Pág. 32

Mas o que existe no mundo moderno é diferente: há em nossa civilização um dualismo redutor da realidade. Deste modo, o mito de Prometeu é interpretado como uma história do Bem/Progresso contra o Mal/Zeus. Ora, basta um olhar no mito de Ésquilo para descobrirmos que o próprio Zeus havia mandado seu filho Hércules aniquilar a águia que atazanava Prometeu, libertando-o do rochedo, não porque ‘gostava’ de Prometeu mas porque queria engrandecer a figura de Hércules. O fogo passou a ser controlado pelos homens. Para os deuses isto é um ‘descontrole’. Percebemos então que o progresso é sempre punido e visto com muita cautela pelos antigos.

CONCLUSÃO

Os paralelos ligados ao mito e aos homens são fascinantes quando nos deparamos com continuidades em nossa sociedade. Servem-nos como espelhos um tanto gastos que outrora serviu como modelo, e hoje, obsoleto no esquecimento, serve a alguns como mera fantasia. O mito de Prometeu é atual. Possui sua atualidade na transformação do ser, na chance de conquistar os deuses, mas com medida de nunca os igualar a eles. O homem possui seu limite, esta é a mensagem. Este limite não deve ser ultrapassado. Se ultrapassarmos, seremos punidos, a punição virá pela dádiva ou pelo castigo.

Infelizmente percebemos hoje que este castigo, ou a desmedida, não vem castigada, vem na melhor das hipóteses vangloriada. O progresso sem medida é o mote de conquista no ocidente. Sem fronteiras, sem punição. O Prometeu teve sua absolvição no tribunal moderno, com o advento da primeira revolução industrial. E não houve mais freio. Prometeu como o próprio nome diz, sabe o que vai ocorrer caso não seja parado. O deus somente ajudou aos homens, pois saberia que seria punido e freado em seu progresso.

Os deuses estão descontentes, a desmedida está sendo cobrada a todo momento, mas uma desmedida coletiva é demais para uma sociedade grega traduzir. Isto em relação a uma tradução cultural está mais para um *eskaton*. Uma escatologia *ou* fins dos dias. Nem a sociedade grega previu um perigo tão eminente em que, não só um homem, ou um exército, mas sim o mundo como todo, iria querer *ser deus*. Nosso olimpo terreno está profanado, nós mesmos fazemos sacrifícios de nossas raças, de ouro, de bronze, de prata. Nossos heróis não possuem mais recompensas e não há mais lugar para ir.

Este mito nos atualiza a importância da medida em nossa sociedade. O respeito aos limites estabelecidos socialmente, para a boa conduta do dom e contra dom. Se este laço for quebrado, eis nossa recompensa, mil caixas sem pandoras no mundo.

REFERÊNCIAS

Fontes.

ESQUILO. *Prometeu acorrentado in “Prometeu Acorrentado/Ésquilo, Ajax/Sófocles. Alceste/Eurípides.* - 5ª ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2004.

_____. Estudos e Tradução de JaaTorrano. Edição bilíngue. São Paulo: Iluminuras, 2009.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses.* Estudo e tradução JaaTorrano. – 7ª Ed. Edição Bilingue – São Paulo: Iluminuras, 2007.

HESÍODO – *O trabalho e os dias.* São Paulo: Iluminuras, 2006.

Bibliografia.

AUBRETON, Robert. *Introdução a Hesíodo.* São Paulo: Difel, 1962.

BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários.* – 4ª ed. – Rio de Janeiro: José Olímpio, 2005.

BARROS, José D’Assunção. *Campo da História. Especialidades e Abordagens.* 5ª Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. *Projeto de Pesquisa em História.* 5ª Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

BOTERO, Jean. *Mesopotamia. Writing Reasoning, and the gods.* Chicago: University of Chicago Press, 1992.

_____. *Religion in Ancient Mesopotamia.* Chicago: University of Chicago Press, 2001.

BURKERT, Walter. *Greek Religion* – Harvard University Press, 1985.

_____. *Mito e Mitologia,* Lisboa, Portugal, Edições 70.

_____. *Oriental and Greek Mythology: The Meeting of Parallels.* In “BREMNER, Jan – Interpretations of Greek Mythology”. Routledge: London, 1990.

BLOCH, Marc. *Apologia da História.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2011.

CANDIDO, Maria Regina (org.). *Práticas Religiosas no Mediterrâneo Antigo*. NEA/UERJ, 2011.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. A Iconografia dos Vasos Gregos Antigos como Fonte Histórica. **História em Revista**. Vol6. UFPEL, s/d. Disponível em: http://www.ufpel.tcche.br/ich/ndh/downloads/Volume_06_Fabio_Vergara_Cerqueira.pdf

_____. O testemunho da Iconografia dos Vasos áticos dos séculos VI e V a.c: Fundamentação teórica para sua interpretação como fonte para o conhecimento da cultura e sociedade da Grécia Antiga. **História em Revista**. Vol10. UFPEL. s/d. Disponível em: http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/historia_em_revista_10_fabio_cerqueira.pdf

CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. – 18ª Ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

CHILD, Gordon. *The Bronze Age*. Cambridge: Cambridge University Press, MCMXXX - 1930.

DETIENNE, Marcell. *Comparar o incomparável*. SP: Ideias & Letras, 2004.

DOWDEN, Ken. *Os usos da mitologia grega*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

CERQUEIRA, Fábio Vergara.

ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *O conhecimento sagrado de todas as eras*. – São Paulo: Mercuryo, 1995.

FINLEY, M.I. *Grécia Primitiva: Idade do Bronze e Idade Arcaica*. São Paulo: Martins Fontes: 1990.

_____. *O Mundo de Ulisses*. Lisboa: Edições 70, 1984.

FORRENST, W. G. G. *Central Greece and Thessaly*. In. Cambridge Ancient History. Vol III. Part III. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Considerações sobre a religiosidade Grega. In CANDIDO, Maria Regina (Orgs). Rio de Janeiro:NEA/UERJ, 2011.

GINZBURG, Carlo. *Mitos emblemas e sinais: morfologia e história* – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GREEN, Peter. *From Iskaria to the Stars*. Classical Mythification, Ancient and Modern. Texas University Press, Austin. 2004.

GREEN, Anthony; BLACK, Jeremy. *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia*. Austen: University of Texas, 2011.

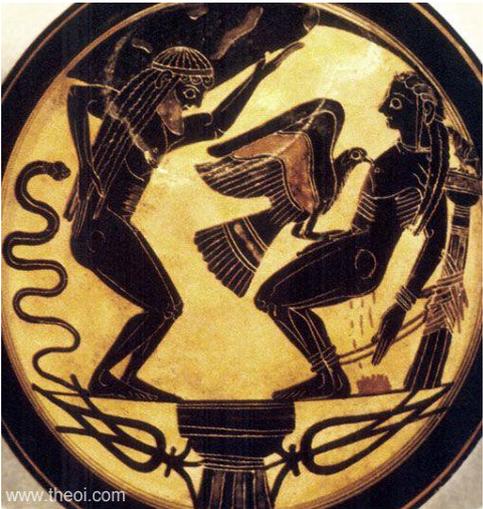
GRIMAL, Pierre. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005.

- JAEGER, Werner. *PAIDÉIA. A formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- JENNY, S. Clay. *Hesiod's Cosmos*. s/d
- JONES, Peter, V. *O mundo de Atenas. Uma Introdução à Cultura Clássica Ateniense*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- LAGRÉE, Michel. *Religião e tecnologia: a benção de Prometeu*. Bauro, SP: EDUSC, 2002.
- LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MAUSS, M. (1923-24) “Essaisurle Don. Forme et Raison de l'Echangedans les Sociétés Archaïques”. In: *SociologieetAnthropologie*. Paris: PUF. pp. 145-171, 1991
- MOSSE, Claude. *A Grécia arcaica de Homero à Ésquilo. Lisboa, Portugal: Edições 70, S/D*.
- MONFORD, LENARDON. *Classical Mythology*. 7Th Ed, Oxford 2003.
- NILSSON, Martin Person. *A History of Greek Religion*. Oxford: Oxford University Press. S/d.
- NISBET, Robert. *A história do progresso*. Brasília, editora Universidade de Brasília, 1985.
- PENGLASE, Charles. *Pandora, Prometheus and the Myths of Enki. In Greek Myths and Mesopotamia – Parallels and influence in the Homeric Hymns and Hesiod*. Routledge: London and New York.
- P.WALCOT. *Hesiod and the Near East (Cardiff 1966)*
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História Da Cultura Clássica. I Volume – Cultura Grega*. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian: 2006.
- SNELL, Bruno. *A descoberta do espírito*. Lisboa: Edições 70. s/d.
- THOMAS, Rosalind. *Letramento e Oralidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Odysseus 2005.
- VERNANT, J.P. *Mito e Pensamento entre os Gregos*. – Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.
- _____. *Mito e Sociedade na Grécia Antiga*. – 3ª Ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2006.
- _____. *Mito e Religião na Grécia Antiga* – São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. *Entre Mito e Política*. São Paulo: Editora da Cidade de São Paulo, 2001.
- _____. *As Origens do Pensamento Grego*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- VIDAL-NAQUET, Pierre, VERNANT, J.P. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- ZAIMMAN, Louise Bruit. *Os Gregos e seus Deuses. Práticas e Representações religiosas da cidade na época clássica*. SP: Loyola, 2010.

ANEXOS

O intuito destas imagens é demonstrar a recepção ideológica em que o Mito de Prometeu estava colocado. Podemos perceber a punição de Prometeu presente em diversas idades históricas e em diversas fontes arqueológicas, como o vaso de *figuras vermelhas* e o vaso de *figuras negras*. Contudo não se encerra aqui esta análise, a finalidade foi demonstrar que os signos são colocados de formas repetidas e com uma fórmula estrutural que passa século a século demonstrando, o poder de Zeus, a submissão de Prometeu e a absolvição e salvamento do herói Herakles, filho de Zeus. Além destas imagens, nos surge por algumas vezes a imagem de Prometeu portando o fogo, isso é bastante simbólico no que diz respeito ao seu mito. Ambas poderemos ver a seguir.

ANALISE ICONOGRÁFICA

	Referente	Localização: Lacônia Inventário: Museu do Vaticano Procedência: Função Social: Beber Vinho Data: 530 a.C Pintor: ***
	Signo Plástico	Forma: Kylix Estilo/Cor: Pintura Negra Laconiana. Tamanho: Volume: Tipo de Artefato: Cerâmica
	Ancoragem	
	Signo Figurativo	Uma serpente, Zeus, sua Águia, Prometeu.

Bibliografia: Bibliografia: <http://www.theoi.com/Gallery/T21.1.html> acessado em: 08/06/2013
 GRIMAL, Pierre. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005.

Significante Iconoco	Significante de prim nível	Conotação de prim. Nível	Conotação de prim. Nível 2.
Utensílio Cerâmico	Kylix	Recipiente de armazenamento e consumo de vinho.	Ao consumirem o vinhos, a figura iria surgindo no fundo do kylix.
Esquerda	Serpente	Animal alegorico.	Animal ligado aos mitos de asclépio. Também ligado ao mito de Apolo. Foi contra a Cobra/Dragão Pítom que Apolo a derrotou e fundou em seu lugar o oráculo de Delfos, além de inaugurar os Jogos

			Píticos
Esquerda	Zeus	Deus do Olimpo	Deus grego ligado ao poder/centralização/Tirania
Direita	Prometeu Acorrentado	Titã, filho de Japeto, possui um irmão chamado Epimeteu.	Castigado por Zeus após ajudar a humanidade. Está no caucaso tendo seu fígado consumido por uma águia pela eternidade.
Direita	Águia de Zeus	Animal alegórico.	Consumia o fígado de Prometeu fazendo parte de seu castigo. Águia esta que pertencia a Zeus.

	Referente	Localização: Ática Inventário: Procedência: MuseumCollection: Cabinetdes Medailles, Paris, France Função Social: Misturar Vinho e Água. Data: 500 – 450 a.C Pintor: Douris
	Signo Plástico	Forma: Kylix Estilo/Cor: Pintura Vermelha Ática Tamanho: Volume: Tipo de Artefato: Cerâmica
	Ancoragem	
	Signo Figurativo	Hera e Prometeu.
Bibliografia: http://www.theoi.com/Gallery/T21.1.html acessado em: 08/06/2013 GRIMAL, Pierre. <i>Dicionário de Mitologia Grega e Romana</i> . Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005.		

Significante Iconoco	Significante de prim nível	Conotação de prim. Nível	Conotação de prim. Nível 2.
Utensílio Cerâmico	Cratera em Cálice	Recipiente de armazenamento e consumo de vinho.	
Esquerda	Hera	Principal deusa do Olimpo, esposa e irmã de Zeus. Pertence a segunda geração divina.	Na imagem ela está sentada, presa no trono amaldiçoado pelo seu filho Hefesto.

Direita	Prometeu	Titã, filho de Japeto, possui um irmão chamado Epimeteu. Castigado por Zeus após ajudar a humanidade. Está no caucaso tendo seu fígado consumido por uma águia pela eternidade.	Uma das poucas pinturas em que Prometeu não está sendo castigado, mas está a frente da deusa Hera a alertando em como sair da situação de prisão no trono amaldiçoado por Hefesto.
---------	----------	---	--

	Referente	Localização: Laconia Inventário: Procedência: Louvre E668 BeazleyArchive No.: N/A Função Social: Berber Vinho Data: 560 – 550 a.C Pintor: Naukratis
	Signo Plástico	Forma: Kýlx Estilo/Cor.: Laconiano de figuras negras. Tamanho: Volume: Tipo de Artefato: Cerâmica
	Ancoragem	
	Signo Figurativo	Prometeu e a Águia de Zeus
Bibliografia: http://www.theoi.com/Gallery/T21.1.html acessado em: 08/06/2013 GRIMAL, Pierre. <i>Dicionário de Mitologia Grega e Romana</i> . Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005.		

Significante Iconoco	Significante de prim nível	Conotação de prim. Nível	Conotação de prim. Nível 2.
Utensílo de Cerâmica	Beber Vinho.	Recipiente de armazenamento e consumo de vinho.	Ao consumirem o vinhos, a figura iria surgindo no fundo do kylix.
Esquerda	Prometeu	Titã, filho de Japeto, possui um irmão chamado Epimeteu.	Castigado por Zeus após ajudar a humanidade. Está no caucaso tendo seu

			fígado consumido por uma águia pela eternidade.
Direita	Águia de Zeus	Animal Alegórico	Animal personificado ora pelo próprio Zeus, assim como a águia sem ser por ele estar transformada.

	Referente	Localização: Atica Inventário: Procedência: National Museum, Atenas. Função Social: Misturar Vinho e Água. Data: 625 – 575 a.C Pintor: Nettos
	Signo Plástico	Forma: Cratera Estilo/Cor: Figuras Negras Áticas Tamanho: Volume: Tipo de Artefato: Cerâmica
	Ancoragem	
	Signo Figurativo	Hércules, Prometeu e a águia de Zeus.
<p>Bibliografia: Beazley, J.D., The Development of Attic Black-figure, ed.2 (California, 1986): PL.13.2 (LID)</p> <p>GRIMAL, Pierre. <i>Dicionário de Mitologia Grega e Romana</i>. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005.</p>		

Significante Iconoco	Significante de prim nível	Conotação de prim. Nível	Conotação de prim. Nível 2.
Utensílio de Cerâmica	Cratera	Misturar Vinho e Água.	
Esquerda	Hércules	Principal Herói Heleno, filho de Zeus.	Hércules alvejando a águia de Zeus, que também é Zeus em uma dupla face de filho X pai, repetindo o que o correu com Zeus x Cronos. Heracles liberta Prometeu do Cáucaso, em um de seus 12 trabalhos.
Direita	Águia de Zeus	Animal alegórico	Animal personificado ora pelo próprio Zeus,

			assim como a águia sem ser por ele estar transformada.
Centro	Prometeu	Titã, filho de Japeto, possui um irmão chamado Epimeteu.	Castigado por Zeus após ajudar a humanidade. Está no caucaso tendo seu fígado consumido por uma águia pela eternidade. Percebemos nesta imagem que Heracles tenta

	Referente	Localização: Ática Inventário: Procedência: Museu Arqueológico Regional Eoliano, Itália. Função Social: Mistura de vinho e água. Data: 500 a.C Pintor: ***
	Signo Plástico	Forma: Cratera Estilo/Cor: Figuras vermelhas áticas. Tamanho: Volume: Tipo de Artefato:
	Ancoragem	
	Signo Figurativo	Prometeu e um Sátiro.
	Bibliografia: GRIMAL, Pierre. <i>Dicionário de Mitologia Grega e Romana</i> . Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005.	

Significante Iconoco	Significante de prim nível	Conotação de prim. Nível	Conotação de prim. Nível 2.
Utensílio Cerâmico	Cratera	Misturar Vinho e Água	
Esquerda	Prometeu	Titã, filho de Japeto, possui um irmão chamado Epimeteu.	Prometeu segurando tochas, representando certamente sua ligação por ter dado a dádiva da centelha divina do fogo aos homens.
Direita	Sátiro/Pã	Deus dos pastores e dos rebanhos; participada dos cortejos a dionísio, foi	Mostra-se disposto a segurar a tocha empunhada por

		levado ao olimpo por Hermes. Algumas lendos ligam ele como filho de Zeus e Hybris.	Prometeu.
--	--	--	-----------

	Referente	Localização: Athenas Inventário: Procedência: Berlin, lost: 3984 Berlin, lost: 3984 Função Social: Armazenar Líquidos e Sólidos Data: 450 – 400 a.C Pintor: Douris
	Signo Plástico	Forma: Ânfora Estilo/Cor: .Figuras vermelhas Tamanho: Volume: Tipo de Artefato: Cerâmica
	Ancoragem	
	Signo Figurativo	Homem (?) Prometeu (?) Sátiro (?)

Bibliografia:

Significante Iconoco	Significante de prim nível	Conotação de prim. Nível	Conotação de prim. Nível 2.
Utensílio ceramico	Ânfora	Armazenar líquidos e Sólidos	
Esquerda	Homem (?)		
Direita	Prometeu	Titã, filho de Japeto, possui um irmão chamado Epimeteu.	Prometeu segurando tochas, representando certamente sua ligação por ter dado a dádiva da centelha divina do fogo aos homens.

	Referente	Localização: Athenas Inventário: Procedência: Berlin, lost: 3984 Berlin, lost: 3984 Função Social: Armazenar Líquidos e Sólidos Data: 575 – 525 a.C Pintor: Bothmer
	Signo Plástico	Forma: Ânfora Estilo/Cor: Figuras negras Tamanho: Volume: Tipo de Artefato: Cerâmica
	Ancoragem	
	Signo Figurativo	Prometeu, Águia, Héracles.

Bibliografia: Scheibler, I., Griechische Topferkunst, Herstellung, Handel und Gebrauch der antiken Tongefasse (Munich, 1983): 175, FIG.152 (A)

GRIMAL, Pierre. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005.

Significante Iconoco	Significante de prim nível	Conotação de prim. Nível	Conotação de prim. Nível 2.
Utensílio ceramico	Ânfora	Armazenar líquidos e Sólidos	
Esquerda	Héracles	Principal Herói Heleno, filho de Zeus.	Héracles alvejando a águia de Zeus, que também é Zeus em uma dupla face de filho X pai, repetindo o que o correu com Zeus x Cronos. Heracles liberta Prometeu do Cáucaso, em um de seus 12 trabalhos.
Direita	Águia de Zeus	Animal alegórico	Animal personificado ora pelo próprio Zeus, assim como a águia sem ser por ele estar transformada.
Centro	Prometeu	Titã, filho de Japeto, possui um irmão chamado Epimeteu.	Castigado por Zeus após ajudar a humanidade. Está no caucaso tendo seu fígado consumido por uma águia pela

			eternidade.
	Referente	Localização: Athenas Inventário: Procedência: Função Social: Armazenar líquidos e sólidos Data: 575 – 525 a.C Pintor: Atribuído a um grupo tirreno.	
	Signo Plástico	Forma: Anfora Estilo/Cor: Figuras Negras Tamanho: Volume: Tipo de Artefato: Cerâmica	
	Ancoragem		
	Signo Figurativo	Heracles, Prometeu e a Águia	

Bibliografia: Corpus Vasorum Antiquorum: KARLSRUHE, BADISCHES LANDESMUSEUM 1, 13-15, PLS.(303,304) 5.4, 6.1-2

GRIMAL, Pierre. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005.

Significante Iconoco	Significante de prim nível	Conotação de prim. Nível	Conotação de prim. Nível 2.
Utensílio ceramico	Ânfora	Armazenar líquidos e Sólidos	
Esquerda	Héracles	Principal Herói Heleno, filho de Zeus.	Héracles alvejando a águia de Zeus, que também é Zeus em uma dupla face de filho X pai, repetindo o que o correu com Zeus x Cronos. Heracles liberta Prometeu do Cáucaso, em um de seus 12 trabalhos.
Direita	Águia de Zeus	Animal alegórico	Animal personificado ora pelo próprio Zeus, assim como a águia sem ser por ele estar transformada.
Centro	Prometeu	Titã, filho de Japeto, possui um irmão chamado Epimeteu.	Castigado por Zeus após ajudar a humanidade. Está no caucaso tendo seu fígado consumido por uma águia pela eternidade.

 <p>This image is under copyright. Not for publication.</p>	Referente	Localização: Athenas Inventário: Procedência: Função Social: Beber Vinho Data: 475 – 425 a.C Pintor: Polygnotos
	Signo Plástico	Forma: Kylix Estilo/Cor.: Figuras Negras Tamanho: Volume: Tipo de Artefato: Cerâmica
	Ancoragem	
	Signo Figurativo	Prometeu e dois Sátiros
Bibliografia: Corpus Vasorum Antiquorum: BOLOGNA, MUSEO CIVICO 4, III.I.15, PLS.(1233,1234,1235) 79.1-2, 80.5-6, 81.5-7 <i>GRIMAL, Pierre. Dicionário de Mitologia Grega e Romana.</i> Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005.		

Significante Iconoco	Significante de prim nível	Conotação de prim. Nível	Conotação de prim. Nível 2.
Utensílio de Cerâmica	Kylix	Beber Vinho	Ao beberem vinho, as figuras que estavam
Esquerda	Sátiro/Pã	Deus dos pastores e dos rebanhos; participada dos cortejos a dionísio, foi levado ao olimpo por Hermes. Algumas lendos ligam ele como filho de Zeus e Hybris.	Mostra-se disposto a segurar a tocha empunhada por Prometeu.
Direita	Sátiro/Pã	Deus dos pastores e dos rebanhos; participada dos cortejos a dionísio, foi levado ao olimpo por Hermes. Algumas lendos ligam ele como filho de Zeus e Hybris.	Mostra-se disposto a segurar a tocha empunhada por Prometeu.
Centro	Prometeu	Titã, filho de Japeto, possui um irmão chamado Epimeteu.	Prometeu segurando tochas, representando certamente sua ligação por ter dado a dádiva da centelha divina do fogo aos homens.



Referente	Localização: Athena Inventário: Procedência: Função Social: Misturar Vinho e Água Data: 425 – 375 a.C Pintor: Nikias
Signo Plástico	Forma: Cratera Estilo/Cor: .Figuras Vermelhas Tamanho: Volume: Tipo de Artefato: Cerâmica
Ancoragem	ANAPHLYSTIOS ANAPHLYSTIOS HERMOKLES NIKIAS
Signo Figurativo	Nike, Prometeu

Bibliografia: Beazley, J.D., *Attische Vasenmaler des rotfigurigen Stils* (Tubingen, 1925): 466.1
 GRIMAL, Pierre. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005.

Significante Iconoco	Significante de prim nível	Conotação de prim. Nível	Conotação de prim. Nível 2.
Utensílio de Cerâmica	Cratera	Misturar vinho e água	
Esquerda	Nike	Deusa da Vitória, uma das poucas deusas do panteão helênico que possui asas. Pertence a primeira geração divina.	
Centro	Prometeu	Titã, filho de Japeto, possui um irmão chamado Epimeteu.	Prometeu segurando a tocha, representando certamente sua ligação por ter dado a dádiva da centelha divina do fogo aos homens.

	Referente	Localização: Athenas Inventário: Procedência: Função Social: Data: 450 – 400 a.C Pintor:
	Signo Plástico	Forma: Estilo/Cor: Figuras vermelhas Tamanho: Volume: Tipo de Artefato: Cerâmica
	Ancoragem	
	Signo Figurativo	Prometeu e Sátiro
Bibliografia: Brommer, F., <i>Satyrspiele</i> , 2nd ed. (Berlin, 1959): 48-49, FIGS.45-46 <i>GRIMAL, Pierre. Dicionário de Mitologia Grega e Romana.</i> Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005.		

Significante Iconoco	Significante de prim nível	Conotação de prim. Nível	Conotação de prim. Nível 2.
Utensílio de Cerâmica	***	***	***
Esquerda	Prometeu	Titã, filho de Japeto, possui um irmão chamado Epimeteu.	
Direita	Sátiro/Pã	Deus dos pastores e dos rebanhos; participada dos cortejos a dionísio, foi levado ao olimpo por Hermes. Algumas lendos ligam ele como filho de Zeus e Hybris.	Parace estar caminhando em um cortejo

